

**CLÁSSICOS
DE BOLSO**



SCHOPENHAUER

A VONTADE DE AMAR

Tradução de
Aurélio de Oliveira
Prefácio de
Torrieri Guimarães



Schopenhauer

A Vontade de Amar

Tradução de:
Aurélio de Oliveira

Prefácio de:
Torrieri Guimarães

Título do original:
"Der Wille Zu Lieben"

© Direitos cedidos por LIVRARIA EXPOSIÇÃO DO LIVRO S.A.
As nossas edições reproduzem *integralmente* os textos originais

Sumário

Prefácio	5
A VONTADE DE AMAR.....	8
O Amor	9
As Mulheres.....	33
A Morte.....	42
A Dor	46
A Arte	60
Máximas e Pensamentos.....	66

Prefácio

“Se é certo que um Deus fez este mundo, não queria eu ser esse Deus; as dores do mundo dilacerariam meu coração. Se imaginássemos um demônio criador, ter-se-ia o direito de lhe censurar, mostrando-lhe a sua obra: “Como te atreves a perturbar o sagrado repouso do nada, para criares este mundo de angústia e dores?””

SCHOPENHAUER

Quando se fala em Schopenhauer, recordamo-nos sempre da palavra pessimismo, indissoluvelmente ligada à sua doutrina. Entretanto, não foi ela erigida em sistema a partir do qual o filósofo pudesse fornecer a sua explicação sobre o mundo em que vivemos e os seres que o habitam; ela flui, pura e simplesmente, de suas vivas e válidas observações a respeito da existência.

Podemos situá-lo também entre os grandes filósofos que o precederam, para tentarmos explicar a origem de seu mérito crítico. Isso independe, naturalmente, daquele clichê tradicionalmente aceito de que Schopenhauer era pessimista enquanto pobre, cheio de problemas, lutando contra a miséria, mas que, ao fim da sua vida, próspero negociante, aburguesado, esqueceu a Filosofia. Também isto se pode dizer dele, sem que a sua glória esmaça, visto que, brilhante pesquisador das verdades mais simples, a fluência e o brilho de seu estilo, a exatidão dos conceitos, tornam-no um escritor tão apreciado quanto respeitado filósofo. Assim, a sua arte soube superar os limites da pura Filosofia, quase sempre árida, para embelezar-se e refulgir com a leveza e o encantamento do mesmo tratamento que Sócrates imprimia à sua pesquisa das verdades inatas.

Antes de Schopenhauer, o nome de Leibnitz, que viveu de 1646 a 1716, já era venerado em todas as sociedades cultas. Pensador à moda antiga, para quem a Filosofia era a súpula de todos os conhecimentos e o filósofo um homem conhecedor de todas as ciências, o gênio de Leibnitz deslumbrou a sua época; ao mesmo tempo que Newton, ele descobria o cálculo diferencial, e chegou a construir uma máquina calculadora. Entretanto, foi a sua doutrina do otimismo que o tomou universalmente conhecido. Ela considera que no mundo moral não há senão um elemento de ordem universal e afirma que, considerado o mundo em seu conjunto, tudo está bem em relação ao todo.

Apesar de sua inegável contribuição à Filosofia e de seu reconhecido gênio, a sua doutrina parece-nos típica da época do "Rei Sol", em que o esplendor da nobreza fazia obscurecer os horrores da miséria que grassava entre a plebe. Filósofos e poetas

tinham sua órbita em redor da corte, dela recebendo favores, benesses, e até a proscrição quando o mau humor do rei o impedia de enxergar a pretendida beleza dos versos e dos louvores. O fausto da realeza agia como um ponto de atração e dissolução da obscura classe média e dos poderosos senhores feudais de outrora. A realeza, dom humano tornado divino, agia sobre todas as consciências como a *ultimo ratio*; ninguém tinha o direito de recorrer a nenhum outro tribunal, nem esperar justiça de qualquer outra fonte, senão aquela emanada do rei. E se havia festa permanente na corte, se o brilho das lâmpadas fazia resplandecer as próprias lágrimas, se os camponeses ainda podiam dormir à luz da lua e ferrar os dentes em raízes — era justo que os filósofos procurassem explicar essa desarmonia apenas aparente, essa desigualdade muito natural, desde que o próprio Deus, através de seus emissários na Terra, justificava o poder do rei, por uma doutrina otimista, de que tudo estava muito bem disposto.

A sabedoria e a bondade de Deus, ensinava Leibnitz, são infinitas; ele quer apenas o bem e muitas vezes o fez surgir do próprio mal. Os pobres e os injustiçados devia, pois, sofrer com paciência todos os vexames de sua condição, e não aspirarem jamais a uma igualdade social, a alguns direitos primários — dos males que sofriam advir-lhes-ia sempre algum benefício. Entendida assim, a grosso *modo*, a filosofia de Leibnitz encontra implicações nas crenças orientais, na existência contemplativa, nas aspirações búdicas do Nirvana. Fruto de seu tempo, não se pode negar-lhe, entretanto, contribuição essencial à Filosofia; ele acreditava na existência das ideias inatas e que todos os seres são constituídos por mônadas, entre as quais existe uma harmonia preestabelecida.

Sucedeu a Leibnitz, porém, um filósofo que foi o mais irreverente de todos e usava o pseudônimo de Voltaire. Tomando do filósofo alemão apenas o mote central de que "tudo corre pelo melhor no melhor dos mundos possíveis" Voltaire ridicularizou- o amplamente no seu "Candide", através do engraçadíssimo dr. Pangloss. Era naturalmente, a reação da plebe, fermentado e preparando a eclosão da Revolução Francesa. Antes de Schopenhauer, portanto, Voltaire encarregara-se de demolir o otimismo.

Entre Leibnitz e Schopenhauer, entretanto, apareceu Imanuel Kant (1724-1804), o rígido reformulador dos conhecimentos humanos. Com ele a filosofia tomase mais severa, adquire a austeridade e a vetustez de ciência para inteligências muito elevadas. Ele procura agrupar os conhecimentos das ciências até o seu tempo, vestindo-os com os conceitos novos, mais adequados, reformando, demolindo, recriando, pondo em ordem o velho edifício da Filosofia; pesquisa, incansavelmente, a razão de todas as coisas, quer ir ao fundo da verdade mais simples — e encontra a presença de Deus na renovação constante, na imperecibilidade do mundo das ideias. Temos, pois, também aqui uma filosofia idealista, colocada acima da inteligência comum.

Entre as ruínas do otimismo, demolido por Voltaire, e as pilastras do novo edifício da Filosofia, erguido por Kant, floresceu a incomparável doutrina de

Schopenhauer, observador arguto, descompromissado, vendo o mundo com todas as suas mazelas, sem escondê-las para ser agradável, mas denunciando-as com o elevado senso da sua responsabilidade intelectual. Descobria em si a fonte de muitos sentimentos obscuros, estabelecia ligações entre os seres humanos, não mais dentro de conceitos estáticos, mas na própria dinâmica da existência. Assim, de ilação em ilação, ia descobrindo-se cada vez mais preso à miserável condição humana, amoldando o seu semelhante à sua própria figura e, partindo de si mesmo, recompondo a humanidade.

O seu pessimismo, como dissemos, nasce da observação direta das condições da existência humana na terra. É assim como o nervo que provoca a vibração íntima, que dá a exata medida da intensidade da vida. A sua doutrina consiste em que a soma de dor na vida excede de tal modo tudo o mais que o mal em si é a própria “vontade de viver”. Considerado o mundo sob o ponto de vista do conhecimento, ele é apenas uma representação. A felicidade não existe no mundo, e tudo quanto podia levar o homem a uma condição otimista não tem representação real. Assim é que ele afirma: “Sentimos a dor, mas não a ausência da dor; sentimos a inquietação, mas não a sua ausência; o temor, mas não a tranquilidade. Enquanto possuímos os três maiores bens da vida, saúde, mocidade e liberdade, não temos consciência deles, e só com a perda desses bens é que os apreciamos, porque são bens negativos”. Schopenhauer radicaliza o pessimismo.

A sua obra-prima é o “Mundo como Vontade e como Representação”, em que ele expõe a sua doutrina que se funda na oposição da *vontade*, substrato dos fenômenos da *representação* do mundo na inteligência.

Ele ensina que "um meio de agradar é deixar que cada um fale de si" e também nos adverte: "Não combatais as opiniões alheias: pensai que se quiséssemos corrigir a gente de todas as tolices nas quais ela crê, não acabaríamos, nem mesmo vivendo os anos de Matusalém" — e com isso se faz precursor de todas as teorias modernas de *public-relations*.

Apesar da aura de pessimismo, Schopenhauer é um filósofo possuidor de estilo agradável, rico, um verdadeiro artista da prosa, cuja leitura deve ser recomendada a todos os que desejarem ideias novas sobre velhos temas, assim como a visão real, sem distorções, do pequeno mundo de pecado e martírios em que vivemos.

TORRIERI GUIMARÃES

A VONTADE DE AMAR

O Amor

O amor é livre. Não se deve esconder o mais belo e o melhor da vida. O instinto reflete a sua alegria, mostra a sua pujança em plena luz.

SAMBLANCAT

O Que Diria o Espírito da Espécie

Visto que o espírito da espécie, que inspira dois amantes, possa-se exprimir por idéias claras, em vez de sentimentos instintivos, a elevada poesia deste diálogo entre *Dafnis* e *Cloé*, que no dialeto humano se traduz por imagens poéticas, encerrando desejos infinitos e pressentimentos de um prazer ilimitado, prometededor de uma evidente ventura e eterna fidelidade, assim se explanaria:

Dafnis. — Quero fazer presente à geração futura de um indivíduo, e creio que lhe poderás dar o que me falta.

Cloé. — Gostaria de fazer o mesmo, e acho, por meu lado, que te seria fácil dar o que eu não tenho.

Dafnis. — De mim terá uma alta estatura e força muscular; que te faltam.

Cloé. — Dar-lhe-ei a beleza da forma e pés pequenos, coisas que não poderias dar, por que não as tens.

Dafnis. — Dar-lhe-ei uma pele branca e delicada que não possuis.

Cloé. — Eu lhe darei cabelos e olhos negros; tu és loiro.

Dafnis. — Terá um nariz aquilino.

Cloé. — E uma boca pequena.

Dafnis. — Dar-lhe-ei valor e bondade, que não poderiam emanar de ti.

Cloé. — Nem de ti poderá ter fronte formosa, espírito e inteligência.

Dafnis. — Fina estatura, belos dentes, saúde robusta são os bens que receberá. Ambos poderemos dotar de todas as perfeições o indivíduo que desejamos oferecer às futuras gerações. Por isto te quero mais que a qualquer outra mulher.

Cloé. — E por isto te quero mais que a nenhum outro homem.

A Seriedade da Voluptuosidade

A voluptuosidade é séria. O par mais gentil, o mais adorado, se atrai e se repele, se deseja e se esquiva, graciosa e alegremente, num belo jogo de amor; mas, quando chega o instante da voluptuosidade, a brincadeira e a alegria fogem subitamente. O par adquiriu uma gravidade súbita. Por quê? Porque a voluptuosidade é bestial, e a bestialidade não ri. As forças da natureza em toda parte agem com seriedade.

Aperfeiçoamento da Espécie Humana

Se levassem em conta a imutabilidade do caráter de cada homem, a perfeição da espécie humana se obteria mais pela geração do que pela educação e instrução. No livro V de sua "República" expõe Platão este magnífico plano para obter desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça dos guerreiros.

Se pudessem fazer de todos os homens impotentes, encerrar todas as mulheres estúpidas em conventos, procurar um harém completo de homens de caráter para proporcionar homens, homens dignos de tal nome, a todas as jovens inteligentes e espirituosas, veriam bem depressa nascer uma geração que nos daria um século superior ainda ao de Péricles.

O Amor na Opinião dos Poetas

Estamos acostumados a ver os poetas ocupados em descrever o amor. Essas descrições, quer na Europa quer nas índias, são os argumentos de todas as obras literárias, dramáticas, trágicas ou cômicas; acontecem tanto na poesia lírica como na épica, sem falar dos inúmeros romances que anos, tão regularmente como os frutos das estações, se produzem em todos os países civilizados. No fundo, todas estas obras não são mais que descrições variadas e mais ou menos completas dessa paixão. Glória imortal adquiriram as descrições mais perfeitas: "Romeu e Julieta", "A Nova Helóisa", "Werther". Dizer, como disse La Rochefoucauld, que o amor é como os fantasmas de que todos falam, mas que ninguém viu; ou contestar com Lichtenberg no seu — "Ensaio sobre o poder do amor" — a veracidade dessa paixão e negar que seja oposta à natureza, é um erro. Se tratassem de um sentimento estranho ou oposto à natureza, coisa inconcebível, se fosse, como querem fazer-nos crer, uma ilusão, não se compreende como o gênio dos poetas se deixa impressionar por ela, nem como a humanidade a acolhe com uma inabalável simpatia. Sem verdade, não há obra de arte completa. "Rien n'est beau que le vrai — disse Boileau; — le vrai seul est aimable".

Realidade do Amor

Posto a experiência não é possível que possa ser renovada todos os dias, é sabido que, sob a influência de certas circunstâncias, uma inclinação viva e ainda

susceptível de ser governada, pode crescer e ultrapassar em violência todas as demais paixões, desviar todas as considerações, vencendo, com um poder e uma força prodigiosa, todos os obstáculos, e chegando mesmo a arriscar a vida para satisfazer o desejo, e perdê-la até se nele não houver esperança alguma. Poder-se-ia, cada ano, assinalar na Europa meia dúzia de homens que realizam na vida real o gesto de um Werther ou de um Ortiz; *sed ignotis perierunt mortibus illi*. São mortos ignorados, cujos sofrimentos não têm outros historiadores a não ser o funcionário que registra os óbitos, nem outros anais senão as notícias diversas da imprensa. Aqueles que têm o costume de ler os periódicos franceses e ingleses podem atestar a realidade de minhas palavras. Todavia, é maior o número daqueles a quem essa paixão conduz ao manicômio. Por fim, verifica-se todos os anos diversos casos de dois amantes, que não puderam vencer certas dificuldades que os separam, procuram a morte... Nunca pude compreender como duas pessoas podem pensar em abandonar a vida, renunciando a uma felicidade além da qual nada lhes é possível imaginar, em vez de romper abertamente com todas as convenções sociais e sofrer toda a espécie de sanções ou censuras... Sobre os fetos de menor importância, a que o amor dá lugar, é inútil falar deles, pois todos os têm diariamente sob os olhos, e até nós, ainda que poucos jovens, também os sentimos no coração.

Por conseguinte, não é possível duvidar da realidade do amor, nem de sua importância.

O Amor Segundo os Filósofos

Não há motivo de espanto em que um filósofo se ocupe deste assunto, tema eterno de todos os poetas, mas, pelo contrário, deve surpreender que até agora tenha sido por eles descurado, a ponto de lhes parecer um tema novo, este sentimento que desempenha papel de tamanha importância na vida do homem. Dentre todos, foi Platão quem mais se ocupou do amor, especialmente no "Banquete" e no "Fedra". Contudo fala quase que unicamente do amor grego, e o que diz dele entra no domínio dos mitos, das fábulas e dos equívocos. Irreal insuficiente é o que, sobre o amor, diz Rousseau em seu "Discurso sobre a desigualdade", Kant aborda o mesmo tema em seu "Tratado sobre o sentimento do belo e do sublime" com demasiada superficialidade, e, por vezes, com inexactidão, como quem nada entende do caso. Platner se mostra vulgar e medíocre em sua "Antropologia". A definição de Spinoza: *Amor est titillatio concomitante idea causae extemae*, é notável por sua extrema simplicidade. Neste assunto, pois, não tenho que me servir de meus antecessores, nem que os refutar. Este tema foi imposto pelos livros, e pela observação da vida exterior. Dos amorosos que se inclinam a manifestar seus sentimentos com as mais belas e etéreas imagens poéticas, não espero obter agrado ou aprovação. Por muito metafísico que, no fundo, seja o meu ponto de vista sempre lhes dá de parecer demasiado físico e material. Se eles pudessem notar antes de me julgarem que, se o objeto do seu amor houvesse nascido dezoito anos antes, nem um pouco de atenção teria merecido deles aquilo que agora exaltam em sonetos e galanteios dirigidos às damas.

O Instinto, Alma do Amor

Por mais ideal que queira parecer, toda inclinação amorosa não nasce do instinto natural dos sexos, e não é mesmo outra coisa senão esse instinto especializado, determinado, individualizado. Posto isto, considerando o importante papel que o amor desempenha, as suas gradações e nuances no mundo real, e não somente nas novelas, onde é, com o apego à vida, a força mais ativa e poderosa; se pudessem ponderar que o amor consome todas as energias da juventude e todos os esforços humanos e têm como derradeira finalidade que faz sentir uma influência perturbadora nos negócios mais importantes; que a cada momento interrompe as mais graves ocupações; que transtorna os mais sólidos entendimentos; que não se abstém de enredar suas frivolidades nas negociações diplomáticas e nos trabalhos dos sábios, chegando a deslizar suas doces missivas pelas pastas dos ministros e entre os manuscritos dos filósofos, o que não o impede de ser diariamente o inspirador das piores empresas e dos planos mais complicados; observando que enfraquece as relações mais preciosas e os laços mais fortes, e fez vítimas a saúde, a vida, a riqueza, a situação e a felicidade; vendo que porém perde a honra o justo, e se torna traidor o fiel, e que parece ser qual gênio maléfico, que todo seu empenho põe em transtornar, intrigar e destruir tudo; considerando tudo isto, sente-se desejo de gritar; para que tanto ruído! Para que são esses esforços, essas violências, essas ansiedades e esses sacrifícios! Só se trata de que "cada Emílio encontre a sua Emília"... E por que essa insuficiência há de desempenhar um papel tão importante e levar incessantemente a perturbação e a discórdia à vida bem moderada dos homens!

Finalidade do Amor

Para o pensador sério não se trata de uma ninharia; a suprema finalidade de toda empresa amorosa, quer seja cômica ou trágica, é, realmente, a mais grave, a mais séria e a mais importante de todas as finalidades que empolgam a vida humana; é digna da profunda importância que todos lhe dedicam. Os namorados procuram “a combinação da próxima geração”.

Por esta paixão tão fútil ver-se-ão determinados na sua existência e na sua natureza os *dramatis personae*, os atores que entram em cena quando dela sairmos. O instinto do amor, em geral, é condição da existência destas personagens futuras; a própria natureza de seu caráter, a sua “essência” depende de um modo absoluto da escolha individual do amor dos sexos que se encontra assim estabelecida de um modo irrevogável. Esta é a chave do problema; possuí-la-emos quando tivermos examinado todas as escalas do amor, desde o sentimento mais trivial até a paixão veemente, veremos que a sua variedade depende do grau de individualização na escolha. Todas as paixões amorosas da presente geração nada mais são do que a grave *meditatio compositiones generationes futurae e qua iterum pendent innumerarum generationis*. Debate-se nesta questão a existência e especial constituição da humanidade futura, e não um pesar ou um prazer do indivíduo. A mais vigorosa potência do desejo individual se converte em vontade da espécie. Não há tema algum que desperte tanto

interesse como o que trata do bem ou do mal da espécie, porque o indivíduo é para esta o que a superfície de um corpo é para o próprio corpo.

Daí a razão de não poder ter atrativo um drama no qual não figure uma intriga de amor; não obstante, apesar do uso que deste recurso se fez todos os dias, o tema parece inesgotável.

Ardis da Natureza

Quando o instinto sexual se manifesta na consciência do indivíduo de uma maneira vaga e geral, sem determinação exata, é porque nela nasce, de uma maneira absoluta, a vontade de viver. E quando, conscientemente, o instinto amoroso se fixa em determinado indivíduo, é que esta mesma vontade deseja ardentemente viver em um ser novo e distinto. O instinto do amor é meramente subjetivo, mas sabe iludi-los, ocultando-se sob a máscara de uma admiração objetiva. Para conseguir seus fins a natureza emprega a sua astúcia. Por mais que haja o amor perfeito e desinteressado a alguém, o supremo fim é a geração de um novo ser. É prova disso não se satisfazer o amor com uma reciprocidade sentimental, mas ter necessidade da posse do gozo físico. A certeza de ser amado não traz consolo à privação daquela que se ama, e devido a isso muitos são os homens que têm feito saltar os miolos. Pelo contrário, também é frequente o caso em que, não sendo o amor recíproco, muitos apaixonados que se contentam com a posse, quer dizer, com o gozo físico. Assim acontece nos matrimônios forçados, nos amores venais ou nos que se obtêm pela violência. Por mais que os namorados não o suspeitem, a finalidade de toda novela amorosa é um nascimento; o enredo, que leva as personagens ao desenlace, é coisa secundária.

As almas nobres, os espíritos sentimentais, ternamente apaixonados, protestarão em vão contra o realismo rude de minha teoria; seus protestos carecem de razão. A constituição e o caráter da geração futura é uma finalidade do amor muito mais elevada que os sentimentos fantásticos e seus sonhos de idealismo. Como! Terá o amor uma finalidade mais importante que todos os demais objetivos, a que o homem se propõe? Sim; por ela, unicamente, se explica o delírio que o amor inspira, a gravidade do papel que desempenha, a transcendência que concede aos mais insignificantes incidentes. Pensemos nela se queremos compreender tantos trabalhos, rodeios e sofrimentos imprescindíveis à posse da pessoa amada.

Da Escolha

Na escolha determinada e teimosa, no desejo que nos leva a satisfazer esse instinto chamado amor, palpita o anelo da geração futura, manifestando-se já a vontade de viver do novo ser, que os amantes podem e desejam gerar. Que digo! Na troca dos olhares cheios de desejo se ilumina uma nova vida, um ser futuro se anuncia, criação completa e harmoniosa. Pela fusão num único ser aspiram os namorados a uma união verdadeira; aquele será a prolongação e a plenitude de sua existência, na qual continuaram vivendo as qualidades reunidas e hereditárias dos

país.

Uma antipatia recíproca e tenaz entre um homem e uma mulher é sinal de que eles não poderiam gerar senão um ente mal constituído e desgraçado. Por isso representa Calderón Semiramis fruto de uma violação, a que se seguiu o assassinio do esposo.

A vontade de viver, evidente em toda a espécie, é a força soberana que atrai duas pessoas de sexo diferente, procurando realizar seus fins na criança que deve nascer deles. Terá a vontade ou caráter do pai; a inteligência da mãe, de ambos a constituição física; as feições reproduzirão mais vezes a do pai, a figura será semelhante mais frequentemente à da mãe. Tão difícil como explicar o caráter particular de cada indivíduo, é compreender o sentimento, também particular, da inclinação de uma pessoa por outra.

No fundo, estas duas coisas formam uma apenas. A paixão é implicitamente o que a individualidade é explicitamente. O primeiro passo para a existência, *punctum saliens* da vida, se dá no momento em que nossos pais *começam a amar-se*: "to fancy each", segundo uma admirável expressão inglesa.

Como já dissemos, do encontro e da atração de seus olhares ardentes nasce o primeiro gérmen do novo ser, frágil e pronto a desaparecer como os germens, e que, de certo modo, uma nova ideia platônica. E, como todas as ideias se esforçam por chegar a manifestar-se num fenómeno, apoderando-se da matéria favorável que a lei da casualidade põe ao seu alcance, assim essa ideia de uma individualidade humana aspira intensamente ser uma realidade. Esta grande violência, este ardor impetuoso é, precisamente, o sentimento que os pais experimentam entre si. Os graus desta paixão podem variar até o infinito; seus dois extremos poderiam ser chamados amor vulgar e amor divino, mas, quanto à essência do amor, é em toda parte a mesma. Em cada um de seus aspectos é tanto mais intensa quanto mais individualizada, em outros termos, é tanto mais forte quanto a pessoa amada, pelas suas qualidades e mais suscetível de satisfazer o desejo particular e a necessidade determinada, que fez nascer naquele que a ama.

No amor o estímulo principal é para a saúde, à força, à beleza e à juventude; a vontade deseja criar seres com vivacidade, modelos da espécie humana. O amor vulgar não vai muito longe. Há, além disso, outras exigências especiais, que aumentam e robustecem a paixão. Não pode existir um amor intenso sem que haja a completa harmonia entre dois seres, mas como não há duas pessoas completamente iguais, o homem, sempre pensando nos futuros filhos, procura uma mulher que reúna as qualidades que melhor se acomodem às suas próprias. Tão raro como encontrá-las, é o amor verdadeiramente apaixonado.

Compreendemos a descrição do amor feita pelos poetas, porque todos o possuímos na essência. Pode suceder que entre um rapaz e uma jovem, aliás agradáveis e bem conformados, só exista, fruto de uma afinidade de sentimento, de caráter e de espírito, uma amizade que em nada se pareça ao amor, e até possível que,

a este respeito, haja entre eles uma recíproca e ligeira antipatia. A causa está em que de ambos não nasceria o ser harmônico, intelectual ou fisicamente, que a vontade de viver se propõe criar em favor da espécie. Pode também suceder, pelo contrário, que, apesar das diferenças de sentimentos, do caráter e do espírito, e a despeito de que a antipatia degenera em repugnância e esta em aversão, o amor, tomando cegos os amantes a ponto de não lhes permitir ver as suas incompatibilidades, nasce e subsiste. Se daí resultar um matrimônio, os cônjuges, serão, fatalmente, muitíssimo desgraçados.

Do Egoísmo no Amor

Aprofundemo-nos mais. Tem o egoísmo raízes tão profundas na alma do homem que constitui a força mais eficaz para o excitamento de sua atividade. A espécie possui sobre o indivíduo uma lealdade anterior, mais imediata e de maior significação que uma personalidade transitória. Dirigida toda a sua inteligência para a satisfação de suas aspirações, não compreende o indivíduo a necessidade do sacrifício nem se submete a ela quando é preciso que aja e se imole em benefício da espécie. Para conseguir este fim, a natureza o engana por meio de uma ilusão qualquer, mostrando felicidade onde só realmente existe o bem da espécie, e se converte em escravo desta, acreditando obedecer somente aos seus desejos. Paira-lhe diante dos olhos uma miragem, e corre no seu encalço. Esta ilusão não é mais do que o instinto, o qual quase sempre representa, ante a vontade, o sentido e os interesses da espécie. Mas como a vontade se individualiza no amor, o engano será de tal sorte que aquela perceba os fins que a espécie espera obter dela pelo sentido individual. Por isso, crendo agir em benefício do indivíduo, trabalha, realmente, para a espécie.

Nos animais o instinto adquire maior importância, e pode se observar melhor sua manifestação exterior; mas a sua secreta atuação, como tudo que é interior, só em nós mesmos podemos estudá-lo.

No recém-nascido, que busca o seio materno, é mais forte o impulso irrefletido, que no homem exerce pouca preponderância; mas na eleição da pessoa a quem se ama, e cuja posse se deseja, existe, realmente, um instinto bem concreto, manifesto e complicadíssimo.

A beleza e a fealdade da outra pessoa seria indiferente, se sob o prazer dos sentidos apenas se ocultasse a satisfação de uma imperiosa necessidade.

É evidente que só no interesse do futuro ser, no qual importa manter o mais possível integral e puro o tipo da espécie, se procura a beleza, apreciando-a e escolhendo-a, posto que quem o faça acredite tratar-se de seu simples interesse pessoal.

O amor não seria outra coisa que uma necessidade perturbadora se não fosse o sentido da beleza, que domina e dirige o sentido dos sexos, e fez com que o verdadeiro tipo humano se reconstitua em todas as suas partes apesar dos mil defeitos

físicos e deformidades morais, causadores de má fisionomia no homem.

Não há um só homem que no primeiro momento não deseje a mulher mais formosa, pois esta realiza o tipo mais puro da espécie; depois procurará as qualidades que lhe faltam, ou as imperfeições, que não lhe pareçam, mas, pelo contrário, qualidades opostas às suas. Por isso vemos, por exemplo, os homens baixos gostarem de mulheres altas, os loiros das morenas, etc.

No entusiasmo que se apodera de um homem ao ver a mulher que responde ao seu ideal de beleza, e o fez sonhar uma ventura suprema se conseguir unir-se a ela, agita-se o gênio da espécie, ávido de perpetuar-se.

Estas observações nos fazem penetrar na parte íntima e viva de todos os instintos, cujo papel é apropriar-se do indivíduo para o bem da espécie. O afã de um inseto em procurar determinada flor, determinado fruto, um excremento ou um pedaço de carne, ou então a larva de outro inseto para aí depositar seus ovos, e não em qualquer outra parte, e sua apatia ante o trabalho ou o perigo para o conseguir, é muito semelhante à preferência exclusiva demonstrada pelo homem por determinada mulher, cuja natureza individual corresponde à sua: persegue-a com tanto empenho, com tal paixão, que a despeito da razão, prefere a desistência do seu anseio, o sacrifício da felicidade da própria vida, afrontando as consequências de um matrimônio insensato, de uma união ruinosa, da desonra, do crime, do adultério ou violação, e tudo isso unicamente para servir os interesses da espécie, acatando a lei inegável da natureza em prejuízo do próprio indivíduo.

O instinto parece dirigido por uma intenção individual, embora lhe seja estranha. Toda vez que o indivíduo não compreende os planos da natureza, ou resiste a eles, esta faz surgir o instinto e, por isso, ele existe nos animais inferiores, mal dotados de inteligência. Contudo, o homem só se submete ao instinto no amor.

Não que o homem seja incapaz de compreender a finalidade da natureza, mas quiçá não a procurasse com tanto ardor, mesmo à custa de sua felicidade. Neste, como em todos os outros instintos, a verdade reveste-se de ilusão para influir sobre a vontade, ilusão de sensualidade que faz brilhar aos olhos do homem a imagem de uma felicidade enganadora nos braços de certa mulher, cuja beleza não se iguala à de nenhuma outra.

É também uma ilusão a sua crença de que unicamente a posse de uma mulher, entre todas do mundo, lhe assegura uma ventura infinita. Entretanto, imaginando embora que seus esforços e trabalhos visam apenas lograr um gozo, na realidade trabalha só para perpetuar o tipo integral da espécie, criando um indivíduo determinado, que carece dessa união para existir. Levado pela ilusão que o empolga, enganado pelo instinto que o domina, sem o perceber, experimenta o homem, amiúde, aversão pela finalidade, para a qual se sente arrastado: a procriação. Quase chega a resistir, é o que acontece na maioria das ligações exclusas do casamento.

A Decepção do Desejo Satisfeito

Todo amante experimenta, uma vez satisfeito o desejo, uma decepção singular. Surpreende-se de que o objeto de sua paixão só lhe proporciona um prazer efêmero seguido de um rápido desencanto.

É este desejo, comparado com os demais que agitam o coração humano, como o infinito é para o finito, como a espécie é para o indivíduo. Este não tem consciência de que a espécie é quem unicamente lucra com a satisfação de seu desejo; todos os sacrifícios que realizou voluntariamente, impelido pelo gênio da espécie, serviram para obter uma finalidade que não era a sua. Por isso, uma vez realizada a obra da natureza, os amantes se consideram enganados, pois cai de seus olhos a venda da ilusão que os cobria. Platão tinha razão quando disse: *Voluptas omnium maxime vaniloqua*.

Manifestações do Instinto

Estas considerações permitem compreender melhor os instintos e o sentido estético dos animais, também escravos dessa espécie de ilusão, que apresenta a seus olhos a miragem do próprio gozo, enquanto trabalham, assídua e desinteressadamente, em favor da espécie. É deste modo que faz a ave seu ninho; o inseto procura o local adequado para depositar os ovos, ou persegue uma presa que não comerá porque vai servir de alimento às futuras larvas, colocada junto aos ovos; a abelha e a formiga trabalham na edificação de seus futuros abrigos, dando a estes complicadas disposições. Todos estes animais são guiados por uma ilusão que se põe ao serviço da espécie sob a máscara de um interesse egoísta. Esta é a única explicação razoável do fenômeno interno e subjetivo que dirige as manifestações do instinto.

Observando as coisas exteriormente, notamos nos animais que estão mais escravos do instinto, principalmente nos insetos, um desenvolvimento do sistema ganglionar, isto é, do sistema nervoso subjetivo superior ao sistema cerebral objetivo. Deduzimos daí que os animais agem sob a influência de representações subjetivas, excitando o desejo que provém da ação do sistema ganglionar, isto é, do sistema nervoso subjetivo superior ao sistema cerebral objetivo. Deduzimos daí que os animais agem sob a influência de representações subjetivas, excitando o desejo que provém da ação do sistema ganglionar sobre o cérebro. Isto prova que os animais sofrem o domínio de uma ilusão. É esse o processo fisiológico de todo o instinto.

Mencionarei ainda outro exemplo, embora menos característico que os anteriores: o apetite violento e caprichoso das mulheres grávidas. Parece que ele provém do fato de o alimento do embrião exigir, em certas ocasiões, uma alteração particular e determinada do sangue que a ele afluí e, então, apresenta-se logo à imaginação da mulher, como um desejo vivíssimo, o alimento mais favorável; nisto também há ilusão. A mulher tem, pois, um instinto que o homem não possui; o sistema ganglionar é também nela mais desenvolvido.

O excesso de predomínio do cérebro explica por que os animais têm mais instinto que o homem; é porque os instintos deste podem, às vezes, desviar-se da regra. Por isso vemos o sentido da beleza, que dirige a escolha na procura do amor, perder-se quando este degenera em vício contra a natureza; assim, por exemplo, uma mosca (*musca vomitoria*), em vez de depositar os ovos sobre a carne putrefata, como lhe aconselha o instinto, os põe sobre a flor do *arum dracunculoides*, confundida pelo cheiro cadavérico que tal flor exala.

O fundamento do amor é um instinto encaminhado para a reprodução da espécie. Examinemos detalhadamente esta questão, para que a verdade se torne incontestável.

Infidelidade e Fidelidade, Fenômenos Naturais

Observemos, primeiramente, que a natureza inclina o homem à infidelidade no amor e a mulher, à fidelidade. O amor, no homem, decresce assim que logra a satisfação de seus desejos; todas as outras mulheres lhe oferecem mais atrativos do que a que possui, aspira à mudança. Ao contrário, na mulher, o amor aumenta precisamente a partir daquele momento. É esta uma consequência da finalidade da natureza: a conservação da espécie e o aumento de número de seus indivíduos.

Efetivamente, o homem pode gerar mais de cem crianças num ano se dispuser de igual número de mulheres.

A mulher, ainda que tivesse o mesmo número de maridos, não podia dar ao mundo mais que uma criança por ano, salvo no caso de gêmeos, etc. Eis a razão por que o homem deseja outras mulheres e a mulher permanece fiel a um só homem. A natureza a impele, inconscientemente, a conservar-se junto àquele que deve sustentar e proteger a futura família. Deduz-se daí que a fidelidade no matrimônio é natural para a mulher e artificial para o homem, e é muito mais condenável o adultério daquela, não só por ser contrário à natureza como pelas consequências que acarreta.

Análise da Questão

Vou aprofundar ainda mais o assunto para convencer e provar que o desejo que o homem sente pelas mulheres não é, por muito objetivo que pareça, senão um instinto oculto, isto é, o sentido da espécie esforçando-se por lhe conservar o tipo. Examinemos detidamente as considerações que nos guiam e incitam a busca desse prazer, por mais singular que pareçam numa obra filosófica as particularidades que vamos expor. Dividindo e examinando, em separado, estas considerações, teremos, em primeiro lugar, as que se referem especialmente ao tipo da espécie: a beleza; em seguida as que visam as qualidades psíquicas e por último, as considerações relativas, nascidas da necessidade de reformar ou neutralizar, umas pelas outras, as disposições particulares e anormais dos dois indivíduos.

Preferências Físicas do Homem

A primeira consideração, que dirige a nossa escolha e inclinação, é a idade. Geralmente, a mulher que elegemos, possui uma idade entre 18 e 28 anos. Nenhuma mulher exerce atração sobre os homens quando se encontra fora do período que compreende o princípio e o fim da menstruação.

Uma mulher nos causa aversão quando, devido à sua idade, não nos inspira o desejo de procriar. A juventude, mesmo sem beleza, é atraente; a beleza sem juventude não exerce nenhuma atração.

Não sendo a intenção inconsciente que nos dirige senão a possibilidade de ter filhos, todo indivíduo sente-se mais ou menos atraído pelo sexo contrário segundo se acha mais ou menos afastado do período próprio para a concepção ou para a geração.

A Saúde

A saúde é a segunda consideração pela ordem de importância. Se as enfermidades agudas perturbam as nossas inclinações de um modo passageiro, as crônicas, as caquexias nos afastam ou assustam, porque se transmitem à prole.

A Conformação

A terceira consideração é o esqueleto, porque é a base do tipo da espécie. Uma conformação defeituosa segue em importância a idade e a saúde. O rosto mais belo não desfez uma impressão má causada por uma estatura encurvada; será sempre preferido um rosto feio em um corpo erecto. Uma pessoa baixa, com um ventre muito desenvolvido, pernas curtas e andar desajeitado é sempre repelida, a não ser que os defeitos do esqueleto sejam consequência de um acidente exterior. Pelo contrário, um corpo formoso nos cativa, pôs encobre os maus traços das feições. Nenhum animal tem o tarso e o metatarso reunidos tão pequenos como o homem, condição necessária para o seu andar vertical. Por ser um plantígrado dá muita importância aos pés pequenos. “Uma mulher bem formada e com bonitos pés é como colunas de ouro sobre bases de prata”, diz Jesús Sirach.

É também de grande importância os dentes porque servem para a alimentação e são especialmente hereditários.

A Forma

Quarta consideração: certa abundância de carnes, isto é, o predomínio da faculdade vegetativa, da plasticidade, porque promete ao feto um alimento rico. Uma mulher muito delgada não desperta atração alguma. O homem sente-se fascinado pela boa conformação e arredondamento dos seios, porque, estando em relação direta com as funções maternas, prometem ao recém-nascido uma alimentação boa e abundante. Uma mulher excessivamente gorda causa aversão ao homem, porque, embora a

inteligência não o saiba, o instinto compreende que sua desmesurada gordura é um estado mórbido produzido pela atrofia do útero, e portanto, um sinal de infecundidade.

A beleza do rosto só se toma em consideração, em último lugar, e sobre isto o que mais se nota é a parte óssea. Por se tratar da conservação do tipo da espécie, um nariz bem feito, com uma ligeira inclinação tem decidido a sorte de muitas mulheres por ser sempre preferido a um nariz curto e arrebicado.

Como caráter específico da espécie humana, a boca deve ser pequena, formada de pequenos ossos maxilares, em oposição à goela dos animais. Um queixo deprimido e fugitivo é particularmente desagradável e sem atrativo, ao passo que um queixo proeminente, *mentum prominulum*, é um traço característico da nossa espécie.

Restam, por fim, os olhos e a fronte que têm relação com as qualidades psíquicas, principalmente as qualidades intelectuais, que fazem parte da herança materna.

Preferências Físicas da Mulher

De um modo geral, posto que não podemos enumerar com a mesma exatidão as considerações inconscientes pelas quais as mulheres se guiam em suas preferências, é possível afirmar que, aos homens muito jovens, preferem elas aqueles cuja idade oscila entre trinta e trinta e cinco anos, embora os jovens representem a flor da beleza masculina. Não agem assim por gosto, mas devido aos instintos que as guiam, o qual reconhece nesses anos a plenitude da força geradora. Geralmente pouco ligam à beleza do rosto. A força e a coragem do homem causam nelas uma impressão decisiva porque essas qualidades são penhor de uma geração robusta. Com tais qualidades contam, também, para assegurar no futuro um protetor eficaz.

Se o homem possui algum defeito físico, a mulher pode suprimi-lo na criança durante a geração, uma vez que a parte correspondente da sua constituição, defeituosa no homem, é nela irrepreensível ou ainda exagerada em sentido inverso. Isso sempre que não se trate de qualidade referente ao sexo contrário, que a mãe não pode dar à criança, como, por exemplo, a estrutura do esqueleto masculino: ombros largos, ancas estreitas, força muscular, coragem, barba, etc.

A mulher pode amar um homem feio mas nunca um homem afeminado, porque tal defeito não poderia ela neutralizá-la no filho.

Preferências Psíquicas

Analisemos as considerações de segunda ordem, que excitam o desejo: as qualidades psíquicas.

As qualidades de coração ou de caráter são as que, em primeiro lugar, chama a atenção das mulheres, porque são transmitidas pelo pai.

Uma vontade firme, a decisão, a coragem, a bondade e o caráter íntegro, atraem, sobretudo, a mulher. Porque o pai não transmite ao filho as qualidades intelectuais e estas não têm sobre ela nenhuma ação direta ou instintiva. A estupidez não é prejudicial ao homem junto das mulheres; muitas vezes, um espírito superior ou mesmo o gênio produzem um efeito deplorável nelas devido à desproporção. Não é raro ver-se um homem feio, tolo e indelicado exercer, entre as mulheres, mais influência que um rapaz guapo, espirituoso e cortês. São frequentes os casamentos entre pessoas diametralmente opostas em tudo: ele, por exemplo, grosseiro, forte e medíocre; ela, dócil, sensível, instruída e inteligente; ou, ele muito sábio, talentoso; ela, uma ignorante.

*Sic visum Veneri; cui placet impares
Formas atque animos sub juga aenea
Saevo mittere cum joco.*

A razão é clara; a finalidade do matrimônio é a procriação e nunca um colóquio cheio de espírito. No casamento unem-se dois corações e não dois cérebros. A mulher quando diz que está enamorada do espírito de um homem, ou que dele se apaixonou pelo seu talento, mente a si mesma, engana-se de uma forma ridícula ou é um ser degenerado.

As qualidades intelectuais exercem no homem grande influência porque são transmitidas pela mãe, mas a beleza do corpo, que age diretamente nos pontos mais essenciais, é facilmente excedida.

As mães, sem embargo, não ignoram a influência que exercem nos homens as faculdades e, por isso, mandam ensinar às filhas a pintura, a música, as línguas etc., com a finalidade que sejam mais atraentes aos futuros maridos; fazem-no, porém, da mesma maneira que procurariam fazer-lhes desenvolver o busto ou as ancas, caso houvesse necessidade.

Notemos que não é contrária à nossa tese o caso de uma mulher inteligente e instruída dar importância à inteligência e engenho de um homem, e nem o caso de um homem sensato e refletido tomar em consideração o caráter da noiva; entre esses o casamento é possível mas nunca por amor.

Considerações Individuais

Ocupemo-nos, agora, das considerações relativas, individuais, que têm por finalidade retificar o tipo da espécie ou corrigir as deformações do tipo que a própria pessoa que escolhe tem em si, tomando-o mais puro; deixemos de lado as considerações absolutas e de efeitos gerais.

Cada Indivíduo Procura seu Complemento

Todos amam o que lhes falta. A escolha individual, que se funda nas

considerações relativas, é mais determinada que a escolha baseada nas considerações absolutas. Destas nascem os amores vulgares e passageiros, daquelas o amor apaixonado. Em geral, não é a beleza perfeita que inspira as grandes paixões. Para que uma inclinação seja verdadeiramente apaixonada, devem as duas pessoas que a experimentam neutralizar-se mutuamente, assim como um ácido e um álcali se neutralizam quando se combinam, formando um sal neutro. Toda constituição sexual é incompleta. Num e noutro sexo esta imperfeição só se refere a uma parte do todo e esta parte é mais ou menos importante segundo os temperamentos. Quando o indivíduo encontra um outro do sexo oposto, que o completa, isto é, completa seus defeitos, sabe ele que isto produz um ser mais perfeito, que está exposto à sua criação.

Não ignoram os fisiologistas que a sexualidade tanto no homem como na mulher tem inúmeros graus. Duas individualidades se neutralizam quando o grau determinado de sexualidade num certo homem corresponde ao grau de sexualidade numa certa mulher, compensando-se assim estas duas disposições parciais.

Quanto mais viril é um homem, mais procurará ele uma mulher que tenha em si, no mais alto grau, todos os característicos da feminilidade, e vice-versa. Existe em todas as grandes paixões um cálculo inconsciente com o qual medem os amantes, instintivamente, esta parte proporcional necessária a cada um deles.

No tom patético que os namorados empregam para cantar a harmonia de suas almas, deve-se compreender que se referem às suas respectivas qualidades físicas, próprias para a criação de um ser perfeito; esta condição é muito mais importante que a pretendida harmonia das almas, pois que, após a cerimônia nupcial, o divino concerto geralmente se converte numa contínua disputa.

A isto acrescenta-se que cada um se esforça por neutralizar ou atenuar, por intermédio do outro, suas fraquezas, imperfeições e todos os defeitos de que se reconheçam possuidores, pois temem que se reproduzam no novo ser, ou se exagerem e se convertem em deformidades.

Um homem de força muscular escassa procurará uma mulher forte, e a mulher fará o mesmo, porque, se é a lei natural ser ela mais débil que o homem, também é lei natural a preferência dela pelo homem mais robusto.

Já dissemos que os homens baixos preferem mulheres altas e reciprocamente.

A natureza inspira às mulheres altas um sentimento de repulsão pelos homens de estatura elevada, a fim de impedir a criação de uma raça de gigantes. E quando assim não acontecer, quando uma mulher alta escolhe um homem do mesmo talhe, temerosa de formar um mau conjunto, seus descendentes expiarão essa loucura.

O homem e a mulher procuram na pessoa amada uma compensação a cada uma das partes do corpo que consideram imperfeitas; assim, quem possui um nariz chato, se encanta ante um nariz aquilino.

Os homens de alta estatura com braços e pernas compridas preferem uma criaturinha cheia e pequena.

O mesmo acontece com o temperamento; cada qual prefere, com intensidade proporcionada à energia de seu temperamento, um temperamento oposto ao seu.

Isto não quer dizer que uma pessoa perfeita numa parte de seu corpo, procure em outras imperfeições contrárias, e não que estas serão para ela menos repulsivas que para outra. Um indivíduo de pele mais branca não sentirá repulsa por uma cútis amarelada, e em uma pessoa muito morena a tez muito branca despertará admiração.

De acordo com a lei de concordância dos sexos, um homem pode sentir-se cativo por uma mulher declaradamente feia se seus defeitos e irregularidades físicas são o corretivo do homem, por serem opostos. É quando então a paixão alcança seu maior grau.

Sem o suspeitar, o indivíduo é guiado e dirigido pelo gênio da espécie, e daí se origina a importância que liga a certos pormenores que lhe deveriam ser indiferentes.

Nada é tão profundamente grave como a mirada de observação que trocam entre si dois jovens de sexos opostos e que se veem pela primeira vez examinando, inspecionando minuciosamente a conformação corpórea de cada um. Esta inspecção, este rigoroso e detido exame nada mais é do que a meditação do gênio da espécie sobre a criança que de ambos poderia nascer pela combinação dos seus elementos constitutivos. Desta meditação surgirá, como resultado, o grau de simpatia e de recíproco desejo que os atrai. Isto não impede que o primeiro impulso de atração se interrompa bruscamente se mais tarde se descobrir algum ponto que passou despercebido à primeira vista. O gênio da espécie, deste modo, medita a geração futura e assim como Cupido, o menino deus, prepara a grande obra de sua constituição.

O Indivíduo, Vítima da Espécie

Pouco vale o indivíduo efêmero, destinado a desaparecer em face dos altos interesses da espécie que está sempre pronta a imolar, sem piedade, o que lhe possa ser nocivo.

Com relação ao indivíduo, o gênio da espécie é como um deus com respeito aos mortais; os interesses do indivíduo, quaisquer que sejam, comparados com os da espécie, estão na mesma relação que o infinito para com o finito. Administrando uma empresa que julga superior a qualquer outra, o gênio da espécie, desprezando o bem ou o mal que ao indivíduo possa advir da sua atuação, persegue seu fim com suprema impassibilidade, quer no tumulto de uma guerra como na atividade dos negócios, quer no retiro do claustro como nos horrores de uma peste.

Dissemos já que a paixão aumenta à medida que se individualiza, e o provamos demonstrando que a constituição física de duas pessoas pode ser tal que uma delas deve completar, por assim dizer, a outra, com o fim de que o tipo da espécie seja melhorado e se tome perfeito.

Nisto se diferencia do simples instinto sexual, que não individualiza, mas que se dirige a todos, perdendo o caráter de nobreza e elevação que o distingue quando o desejo é mútuo e exclusivo, e representando ao mesmo tempo uma missão especial da espécie. O instinto sexual procura apenas aumentar o número da espécie sem se importar com a qualidade.

Quando o desejo se dirige a um único indivíduo, adquire tal grau de intensidade que se não puder ser satisfeito todos os bens do mundo e a própria vida perdem seu valor; não recua ante sacrifício algum, por doloroso que seja, e muitas vezes, ao ser contrariado, conduz à loucura e ao suicídio.

As causas instintivas de uma paixão tão violenta diferem e são menos aparentes que as que já examinamos. Temos de admitir que, neste caso, se trata não só de uma adaptação física como também de uma concordância entre a vontade do homem e a inteligência da mulher, concordância que nasce da certeza de que unicamente eles podem gerar um determinado ser. E é a existência deste ser o que o gênio da espécie tem em vista, por motivos que não nos é dado compreender. A vontade de viver se manifesta aqui no desejo de gerar um determinado indivíduo que só pode nascer desse pai unido a essa mãe. Este desejo metafísico não tem de começo outra esfera de ação que os corações dos futuros pais, os quais, levados por este impulso, acreditam experimentar um sentimento pessoal. Mas, realmente, se trata de uma finalidade metafísica a qual atua fora do círculo das coisas, que têm uma existência real, e nesta se manifesta pela irresistível atração que os pais sentem reciprocamente, constituindo a aspiração de um futuro ser que encontrou a ocasião única de entrar na vida.

É esta a única finalidade que se persegue e é provada pelo fato de que toda paixão, por sublime que seja, se extingue com a satisfação do desejo como todas as outras, e morre quando o objetivo metafísico se perde pela esterilidade da mulher. A vontade de viver compensa a extinção de milhares de germens cada dia, visto como no espaço a matéria e o tempo dispõem do infinito e de uma ocasião propícia.

O Amor na Literatura

Tratado pelos poetas de todos os tempos, o desejo amoroso jamais se esgotou como tema. Esse desejo que relaciona a ideia de uma felicidade infinita à posse de uma determinada mulher, e produz uma dor inexplicável ao simples pensamento de não poder obtê-la; essa dor e esse desejo de amor não pode ser a manifestação da necessidade de criar um ente efêmero, condenado a desaparecer. É a ânsia do gênio da espécie que percebe a ocasião de lograr seu fim. Unicamente a espécie, cuja vida não tem limite, é capaz de causar dores ou prazeres infinitos. Estes, encerrados no coração de um mortal, nada tem de extraordinário que o impossibilite de descrever o pressentimento da voluptuosidade ou do pesar que invade seu ânimo. E aí tem origem a poesia erótica em seu estilo mais nobre, e essas belas metáforas que se diriam ter sido concebidas por espíritos extraterrenos. Os Werther, os Ortiz, os Saint-Preux

sentiram sua influência. Seria inexplicável o procedimento de Petrarca senão se atribuísse a isso sua inspiração.

Este inestimável valor que se concede à mulher amada não se baseia sobre raras qualidades intelectuais nem sobre qualidades objetivas ou reais, porque os amantes — e este é o caso de Petrarca, — nunca se conhecem bastante para poder apreciá-las.

Para atender a seus fins só o gênio da espécie pode estimar o valor, aquilo que os amantes têm, por isso de um simples olhar nascem as grandes paixões.

Who ever lov'd, that not at first sight?

O sofrimento que uma pessoa sente quando perde a amada, pela morte ou pelo aparecimento de um rival mais afortunado, é um sofrimento que não se pode comparar a nenhum outro. Esta dor não fere o indivíduo em si mas em sua *essentia aeterna*, na vida da espécie cuja vontade era sua missão realizar; eis por que tal dor é de natureza transcendente.

Por esta mesma razão é tão terrível o martírio dos ciúmes; e a renúncia à mulher amada, o maior de todos os sacrifícios que um ser humano pode realizar.

Um herói se envergonharia de gemer sob a dor de um ferimento, mas não de chorar pelo objeto de seu amor, porque aí quem se lastima é a espécie. No segundo ato do drama de Cal-derón, Décio diz a Zenóbia:

*Cielos! Luego, tu me quieres?
Perdiera cem mil vitórias, volviérame, etc.*

Assim que o amor, isto é, o gênio da espécie apareceu, a honra que até aquele momento fora inspiradora e guia, retrocedeu vencida ante ele, como só ante ele retrocedem, vencidos, o dever e a fidelidade embora tenha resistido a todas as tentações e mesmo à ameaça de morte.

As pessoas mais honestas e mais retas põem de parte sua honradez neste ponto, quando a paixão delas se apodera, e a despeito de tudo cometem o adultério como se tivessem consciência de possuírem um privilégio que as fazem superiores a todos os interesses individuais. A propósito disso disse Chamfort: “Quando um homem e uma mulher sentem reciprocamente uma paixão violenta, sempre penso que sejam quais forem os obstáculos que os separem — um marido, os pais, etc. — ambos se pertencem pelo direito divino não obstante as leis e convenções dos homens”.

Se alguém protesta contra esta teoria, bastaria que lembrasse da surpreendente indulgência com que Jesus no Evangelho trata a mulher adúltera, presumindo que todos os assistentes tinham o mesmo pecado.

Na maior parte do “Decameron”, o gênio da espécie, por meio de sarcasmos e zombarias, espezinha sem compaixão os interesses e os direitos dos indivíduos.

O gênio da espécie em sua preocupação pelas gerações futuras despreza e destrói todas as barreiras, salta sobre todos os obstáculos, não lhe importando as diferenças de classe nem as instituições humanas. E dominado pelo seu encantamento o homem mais tímido e covarde se torna audaz e valente.

Observe-se o afã com que seguimos em uma novela as peripécias que sofrem os protagonistas por defenderem seu amor, e como triunfam sobre o interesse individual dos pais, animados pelos altos interesses da espécie. Quanto mais a espécie influa no indivíduo tanto mais a paixão que ele sente excede em importância, em nobreza e em justiça a tudo que lhe é hostil.

O tema eterno e básico de quase todas as obras teatrais é a atuação do gênio da espécie, o qual atento só aos seus fins trata de vencer os interesses das demais personagens com seus projetos e desejos. Em geral triunfa, não sem o aplauso do espectador que compreende, inconscientemente, a finalidade que o gênio da espécie persegue deve vencer sobre qualquer consideração de ordem individual: e o desenlace com a vitória do amor é obrigatório, mas ninguém percebe que os namorados triunfantes ao unirem as mãos ou os lábios, não fundaram a própria felicidade, mas pelo contrário, vão sacrificá-la em benefício dos interesses da espécie, a despeito da providência e da oposição dos pais.

Quando em certas obras literárias procurou-se representar o contrário, fazendo com que os indivíduos triunfem com prejuízos dos fins da espécie, notou-se que os espectadores sentem a mesma contrariedade, o mesmo pesar, que o vencido gênio da espécie, embora o autor conceda vantagens às personagens da sua peça. Recordo, como exemplo, algumas peças teatrais muito conhecidas: “A rainha de dezesseis anos”, “O matrimônio de conveniência”, etc.

Nas tragédias, cujo tema é o amor, os amantes sucumbem quase sempre sem conseguirem fazer triunfar os fins da espécie, como “Romeu e Julieta”, “Don Carlos”, e muitas outras.

Encanto do Amor

As ações de um apaixonado não guardam proporção com o seu caráter, pois, nas mãos do gênio, este o domina ao ponto de enganá-lo a si mesmo e fazer com que essas ações possam cair no cômico tão bem como no trágico. Daí procede, nos graus superiores da paixão, a cor sublime e poética de que se revestem seus pensamentos e, devido a essa elevação sobrenatural, parecem não ter relação alguma com o objetivo físico de seu amor.

O gênio da espécie tem que cumprir a missão de fundar uma série indefinida de gerações dotadas de uma natureza especial, constituída por elementos determinados, que só podem encontrar num único pai e numa única mãe. Desta união, e unicamente desta, é que pode surgir a existência da geração que a vontade de viver ordena determinada e expressamente.

Na vida de um homem prosaico e reles, o amor mesmo assim é cheio de poesia. Chega, às vezes, a torná-lo ridículo, impelido pelo sentimento de desempenhar um papel de tal importância que o transporta e o eleva acima das coisas terrestres, revestindo-lhe os desejos materiais de um caráter imaterial.

A vontade, zelosa dos interesses da espécie, se apresenta ao amante sob a forma de uma felicidade sem limites, felicidade que gozará na posse da mulher amada.

Esta fantasia adquire tanta força numa paixão intensa, que, não sendo possível realizá-la, perde a vida todo o encanto e torna-se tão desprovida de alegria que o tédio que ela causa faz olhar a morte sem espanto, e, muitas vezes afrontá-la serenamente.

A vontade do indivíduo entrou no turbilhão da vontade da espécie, ou antes, esta última vence de tal modo a vontade individual, que se o amante não pode proceder *como* representante dessa vontade da espécie, desdenha proceder em nome de sua vontade própria.

O indivíduo é um vaso demasiado frágil para suportar as pressões que sobre um ponto determinado exerce a vontade da espécie. Então, não tem outro desfecho a não ser o suicídio que, em certas ocasiões, arrasta a dois amantes; outras vezes é a loucura que cobre com o seu véu a consciência de uma situação desesperada.

A verdade destas palavras está demonstrada pelos casos análogos que todos os anos ocorrem.

O Amor Cego

Não é só o amor contrariado que conduz a tão trágicos desenlaces. A paixão satisfeita conduz mais frequentemente à infelicidade do que à felicidade, porque suas exigências, incompatíveis com a tranquilidade e bem-estar pessoal do amante, incompatíveis com as condições de sua vida e com seus projetos futuros, minam e derrubam todo o castelo de seus planos, esperanças e ilusões.

Às vezes o amor arbitrário às normas sociais está contra o caráter, aptidões e tendências do indivíduo. É quando este escolhe uma pessoa que, fora das relações sexuais, seria odiada, desprezada pelo amante. Mas a vontade da espécie tem tal influência sobre o indivíduo, que o amante impõe silêncio à sua natureza íntima e fecha os olhos aos defeitos da pessoa amada, permanecendo unido a ela durante o tempo todo em que perdura o encanto de sua ilusão, e cessada esta, quando a vontade da espécie se acha satisfeita, procura separar-se de sua aborrecida companhia.

Só tendo em conta estas considerações se compreende o procedimento de homens sensatos e de delicados sentimentos quando se unem a mulheres que são verdadeiras harpias, sem que possam explicar como tal escolha tiveram tão pouco acerto. Eis por que sempre se representou o amor com uma venda nos olhos.

É também possível que um enamorado reconheça os intoleráveis defeitos da noiva, todavia, reconhecendo embora que sua existência com ela se tornará um contínuo padecer, sofrerá sem que tenha coragem de a repudiar.

*I ask not, I care not, if guilt 's thy heart;
I know that I love thee whatever thou are.*

É que, afinal de contas, não persegue o seu interesse próprio senão o do indivíduo que deve nascer desse amor. Esta grandeza, este desinteresse é o que tem feito do amor um objeto digno de poesia.

Sucedo, também, às vezes, que o amor se concilia com o ódio, sentimento que Platão comparou com o amor dos lobos pelas ovelhas. Quando um apaixonado não logra de sua amada um acolhimento favorável aos seus desejos, o ódio e o amor se reúnem em seu coração.

I love and hate her.

E o ódio contra a mulher amada adquire tal grau de intensidade que o leva a matar a amante, matando-se em seguida.

Todos os dias vemos exemplos destes inseridos nos jornais. Quanta verdade encerram estes versos de Goethe:

*Para imprecar todos os amores desprezados!...
Não conheço outra imprecação mais atroz do que esta!*

Não deixam de ter fundamento real as palavras com que um enamorado se lamenta do desdém da amada e do cruel prazer que ela encontra em fazê-lo sofrer. Dominado pela ânsia da paixão, não abandona seu objetivo, e, apesar de sua inteligência, age, neste caso, como o instinto em alguns insetos.

Não foi só Petrarca que teve a sua existência envenenada pelo amor, amor que o obrigou a arrastar a vida como uma grilheta suspirando e lamentando-se na solidão das florestas; mas unicamente Petrarca foi dotado do divino dom da poesia. Podem referir-se a ele lindos versos de Goethe:

*Quando o homem se vê obrigado a calar sua dor,
eu, graças a um deus, posso exprimir meus sofrimentos.*

Nosso Inimigo

O gênio da espécie está sempre em guerra com os gênios protetores do indivíduo; é o mais encarniçado inimigo deste, pois titubeia em aniquilar sua felicidade para lograr seus fins. Dos seus caprichos dependem, muitas vezes, o destino de toda uma nação. Shakespeare nos apresenta este caso em "Henrique VI" — ato II, cenas 2 e 3. — Como a espécie tem um direito anterior e mais imediato ao

indivíduo, os seus interesses estão antes dos nossos. Os antigos o sabiam, e por isso personificaram o gênio da espécie em Cupido, deus implacável e cruel, demônio despótico, mas senhor dos deuses e dos mortais:

Tu, deorum hominumque tyranne, Amor!

Algumas flechas, uma venda e asas são os atributos desse deus. As últimas demonstram sua volubilidade, consequência natural da decepção que acompanha sempre o desejo satisfeito.

Se a paixão se fundamenta na ilusão de uma felicidade pessoal deve desaparecer uma vez pago o tributo à espécie. O gênio desta, de novo, restitui o indivíduo à liberdade, ao seu anterior estado de vulgaridade e este se admira, então, que de tão contínuos e insanos trabalhos não lhe tenha ficado outra coisa que a satisfação material dos seus sentidos; não é mais feliz que antes de ter sentido o gozo do seu avassalador influxo. E forma ideia de que foi logrado pela vontade da espécie como aconteceu; Teseu dando vazão aos seus desejos abandona Ariadna. Se Petrarca tivesse realizado seus sonhos de amor, teria deixado de cantar, como cessa o canto da ave depois de dispostos os ovos no ninho.

Os Matrimônios por Amor

Estou convencido de que minha metafísica do amor trará desagrado aos enamorados que já tenham sido vítimas de seus laços. Se pudessem compreender esta verdade que eu descobri, poderiam dominar, ser donos do amor, mas, nesta questão, temos que repetir a sentença do antigo poeta cômico: *Quae res in se neque consilium, neque modum habet ullum, eam concilio regere non potosi*.

Os casamentos de amor se efetuam sempre em benefício da espécie e nunca em proveito dos indivíduos. Estes imaginam trabalhar pela própria felicidade, mas, o verdadeiro fim está fora deles: o nascimento de um ser que só eles podem procriar. Cedendo ambos ao mesmo impulso, procuram, naturalmente, unir-se, mas quase sempre, uma vez desvanecida a ilusão, o par assim formado se encontra em completo desacordo em tudo o mais.

Os matrimônios de amor geralmente são infelizes, porque neles se procurou o proveito de geração futura em detrimento da geração presente: "Quien se casa por amores, há de vi vir com dolores", diz um adágio espanhol.

Assim não acontece com os casamentos de conveniência, concluídos, quase sempre, segundo a escolha dos pais. As causas que motivam esses casamentos, sejam de que natureza forem, são reais e não podem desaparecer por si mesmas. Se tais causas podem assegurar a felicidade dos cônjuges, e nem por isso deixa de ser hipotética a afirmação, sempre será com prejuízo das crianças a que darão vida.

O homem que, casado, é fascinado mais com o brilho do ouro do que com o clamor de sua vocação, vive mais no indivíduo do que na espécie, e como isto é uma

traição feita à verdade e à natureza, faz-se merecedor de desprezo.

Ao contrário, uma jovem que se opõe à vontade e aos conselhos dos pais e se nega a casar com um homem rico e ainda novo, sem dúvida alguma sacrifica sua felicidade pessoal em benefício da espécie. E justamente por esse motivo, obtém nossa aprovação: porque escolheu segundo suas inclinações, porque cumpriu com a lei da natureza, isto é, a da espécie, enquanto os pais lhe falavam no sentido do excessivo amor ao bem próprio.

Observa-se, pois, que no matrimônio é preciso sacrificar os interesses da espécie aos do indivíduo, ou os deste ao da espécie. Assim acontece na maioria dos casos. É raríssimo o amor e o dinheiro; a paixão e as conveniências sempre andaram de mãos dadas.

Se os matrimônios fossem realizados deixando de parte toda ordem de considerações e circunstâncias acidentais, e seguissem cada um dos contraentes sua própria inclinação (e isto não acontece) não teríamos que lamentar a miserável constituição física, intelectual e moral dos homens, que quase sempre têm a mesma origem.

Quando a simpatia e o interesse se unem, é de certo modo, um acordo com o gênio da espécie.

Os casamentos felizes são muito raros porque sua finalidade não é a geração atual mas a futura.

Amor e Amizade

Acrescentamos, para que sirva de consolo aos apaixonados, que às vezes o amor se associa a um sentimento completamente estranho, isto é, a amizade que se estabelece entre dois caracteres semelhantes; mas só se manifesta depois do amor desaparecer na embriaguez do gozo. Esta amizade pode também nascer do acordo das qualidades complementares, sejam físicas, intelectuais ou morais, as quais, sendo necessárias para a criação de um novo ser, o são também, às vezes, para os pais, constituindo assim como uma espécie de oposição concordante de caráter e de temperamento.

O Amor Sexual

O amor sexual, a seleção cuidadosa que chega aos graus da paixão, se baseia no profundo interesse que o indivíduo toma pela raça que há de gerar. Este interesse confirma duas verdades expostas nas considerações anteriores: primeira, a indestrutibilidade do ser em si. Esta inclinação, esta simpatia, tão viva e tão ativa, filha das aspirações e tendências mais íntimas do nosso ser, não seria indestrutível nem exerceria sobre o homem tão poderosa influência, se este fosse absolutamente efêmero, e se as gerações se sucedessem perfeita e realmente diferentes entre si, sem

outro laço de união que a continuidade do tempo.

Coisas do Coração

A verdade é que o ser em si existe mais na espécie do que no indivíduo. Esse interesse pela constituição particular da espécie, origem de toda relação amorosa, desde o mais leve capricho até a paixão mais exaltada, faz com que cada um conceda ao amor uma importância vital. O seu êxito ou o seu malogro fere profundamente as nossas mais sensíveis fibras. Daí provém a frase; coisas do coração. Por isso, quando esse interesse se impõe, todos os outros perdem sua importância (exceto a pessoa escolhida) e a ele se tornam subordinado e, se necessário, sacrificados. O homem prova assim que o indivíduo nada representa ante a espécie e que vive mais nesta do que naquele.

Por que o apaixonado se entrega completamente à mulher amada? E por que está pronto a fazer por ela todos os sacrifícios? Porque é a parte imortal do seu ser que por ela palpita: todos os demais desejos que o homem possa sentir não alcançam semelhante intensidade porque só se referem ao aspecto mortal e temporário de seu ser.

A essência de nosso ser, manifestando-se em sua aspiração apaixonada por certa mulher, é uma garantia de sua permanência e continuidade na espécie. Se não demos a essa continuidade a transcendência que ela tem em si é porque só a consideramos como a existência futura de seres semelhantes a nós, mas não idênticos; observando somente o aspecto exterior das coisas, concebemos, por intuição, a forma exterior da espécie e não sua essência íntima. Essa essência, oculta no mais profundo de nossa consciência, forma seu núcleo central em todos que vivem ou viverão.

Este desejo veemente para a vida e para a permanência nela é o que eu chamo vontade de viver e constitui uma energia imutável que sai intacta das garras da morte. Pelo fato de ter nascido, todo ser vivente está condenado à morte e à dor. Podemos, sem embargo, livrar-nos de uma e de outra pela negação da vontade de viver, que separa a vontade do indivíduo do ramo da espécie, e suprime a existência nesta última.

Faltam-nos contudo elementos de peso para saber em que se converte a espécie ao chegar a este estado, que só podemos definir como tendo a liberdade de ser ou não vontade de viver. Este último caso é o Nirvana do budismo, ponto que tem permanecido sempre incompreensível a todo o conhecimento humano.

A Eterna Traição

Afastando-nos destas considerações, contemplamos o tumulto da vida, e vejamos como a miséria e os tormentos preocupam todos os homens, que lutam sem descanso para atender às suas necessidades; outra consequência não se podia esperar que a conservação de sua realidade individual durante um curto espaço de tempo. E

contemplando este tumulto, esta agitação, esta luta sem fim, vemos logo, em pleno turbilhão, dois enamorados cujos olhares se cruzam cheios de desejos. “Mas por que se ocultam?” — perguntamos. “Por que tanto mistério e esse ar dissimulado e tímido?”

Porque esses dois amantes trabalham secretamente para perpetuar a miséria do mundo: são traidores de seus semelhantes cujas dores e desgraças acabariam rapidamente se eles não se houvessem proposto eternizá-las, como fizeram outros antes deles.

As Mulheres

As mulheres não se entregam ao amor porque são belas, mas se tornam belas porque se entregam ao amor.

PITIGRILLI

Seu Destino

Indica-nos a simples aparência da mulher que ela não está destinada a exercer importantes trabalhos intelectuais nem grandes materiais. Com o sofrimento e as dores do parto salda seu dever, com os delicados cuidados da infância; deve obedecer ao homem e a ele se submeter, tomando-lhe a existência tranquila.

Não é feita nem para grandes esforços, nem para os prazeres ou pesares excessivos. Sua vida pode deslizar mais silenciosa, mais humilde, e mais serena que a do homem, sem que, por isso, ela seja melhor ou pior que ele.

O que torna as mulheres aptas para educar, para cuidar de nossa primeira infância é o fato de se conservarem elas, apesar dos anos pueris, fúteis, infantis, crianças grandes enfim. Observa-se uma jovem brincando durante horas inteiras com uma criança, dançando e cantando com ela, imagine-se o que faria em seu lugar um homem com a melhor das disposições.

Juventude e Beleza

A natureza tem feito com as jovens o que na linguagem dramática se chamaria um acontecimento teatral; durante alguns anos adornar-se de uma beleza, de um encanto, e de uma perfeição extraordinária, com prejuízo ao resto da sua vida, com o fim de que lhes seja possível, durante essa época de esplendor, influir na imaginação do homem e levá-lo a encarregar-se delas. Nesta empresa, a pura reflexão e a razão não garantem êxito. Por isso a natureza deu à mulher armas e instrumentos necessários ao triunfo e só durante pouco tempo, pois, neste caso, age com a sua usual economia. Assim como a formiga fêmea perde as suas asas depois de sua união com o macho, porque lhe seriam inúteis e mesmo perigosas durante a época de incubação, assim a maioria das mulheres perde sua beleza ao cabo de dois ou três partos, sem dúvida pela mesma razão.

Daí resulta que as jovens consideram as ocupações domésticas ou os deveres do seu estado como coisas secundárias, concedendo, entretanto, maior importância ao amor, aos trajes, aos bailes, etc., que elas reconhecem como sua verdadeira vocação.

A Perfeição é Fruto de Lenta Madureza

Quanto mais nobre e perfeita é uma coisa, mais lentamente se desenvolve. A inteligência e a razão do homem têm o seu desenvolvimento completo aos vinte e oito anos; dez anos antes, aos dezoito anos, alcança a mulher a maturidade do espírito. Por isso sua razão não passa, bem medida, de uma razão de dezoito anos. Eis por que as mulheres são sempre crianças.

À sua frente é tudo que veem, vivem no presente, julgam as coisas aparentemente e encaram levianamente os mais importantes assuntos.

A razão distingue os homens dos animais; chegado ao presente, lembra-se do passado e pensa no futuro, nascendo daí a sua prudência, os seus temores e preocupações. A razão débil da mulher não participa nem destas vantagens nem desses inconvenientes; sua miopia intelectual lhe permite ver, intuitivamente, as coisas próximas; seu horizonte é limitado, não alcança o que está distante.

Por esse motivo, tudo o que não é imediato, o passado e o futuro, age na mulher mais fracamente que nos homens, e, também por isso se inclina mui frequentemente à prodigalidade que, por vezes, chega a ser demência.

A Missão do Homem Segundo a Mulher

As mulheres se convencem que a missão do homem é ganhar dinheiro e a delas é gastá-lo; se não o fazem enquanto o marido está vivo, depois de morto elas se vingam. Contribui para confirmar essa ideia, o fato de o marido lhes dar dinheiro, encarregando-as de dirigir a casa.

Entre Tantos Defeitos uma Qualidade

As vezes, tantos defeitos são compensados por uma vantagem: a mulher mais ocupada, por insuportável que seja a vida que leva, goza-a muito mais que nós, e essa alegria, que lhe é própria, a torna capaz de distrair e mesmo consolar o homem acabrunhado pelo trabalho e pelas preocupações.

A Mulher, Boa Conselheira

Em circunstâncias difíceis devemos pedir conselhos às mulheres que têm uma maneira de ver as coisas completamente diferente da nossa, vão ao fim pelo caminho mais curto, porque só veem o que está ao alcance da vista. Nós, pelo contrário, vamos sempre mais longe, e por isso a nós convém uma maneira de ver mais simples e rápida. Acrescente-se ainda que mulheres só veem num assunto aquilo que realmente há nele ao passo que nós, impelidos pelas paixões excitadas, exageramos as coisas e fazemos fantasias.

Mais Humana, Porém Menos Justa Que o Homem

As mulheres revelam pelos desgraçados uma simpatia, piedade e humanidade que estão de acordo com suas aptidões naturais, ao passo que são inferiores aos homens no que se diz respeito a retidão, a equidade e aos escrúpulos.

Tudo o que é atual, visível e próximo exerce sobre elas tal poder que nem as mais enérgicas revoluções, nem consideração alguma do passado ou futuro conseguiram prevalecer. Possuem a virtude em suas qualidades principais mas faltam-lhes as secundárias.

A Hipocrisia, Arma e Escudo da Mulher

A injustiça é o defeito capital da mulher. E o que agrava mais esse defeito, filho da sua falta de bom-senso e reflexão como já indicamos, é que a natureza se recusa a proteger-lhes a fraqueza: assim resulta o instinto maligno e quase incontida tendência para a mentira.

O leão tem os dentes e as garras, o elefante e o javali as presas, o touro os chifres, a siba a tinta com que turva a água ao seu redor; a mulher só tem a dissimulação para se proteger e defender. Esta faculdade equivale à força da razão e à força dos músculos no homem.

A dissimulação é inata na mulher, tanto na mais tola como na mais inteligente. Emprega com tanta naturalidade como um animal as armas que lhe deu a natureza. Para defender-se de um ataque. Quando assim age a mulher tem consciência dos seus direitos, eis porque é tão difícil senão impossível, encontrar uma que seja absolutamente verdadeira e sincera.

Admitindo e praticando a hipocrisia, ela facilmente compreende a dissimulação nos outros.

Este principal defeito originou a ingratitude, a hipocrisia e a deslealdade.

A Moral Feminina

Os homens novos, belos e robustos estão destinados a propagar a espécie humana, para que esta permaneça sempre pura; e as paixões das mulheres exprimem esta firme vontade da natureza. É a lei mais antiga e poderosa. Ai dos obstáculos que se opõe à sua missão. Serão fatalmente esmagados. A moral inconfessável, talvez inconsciente, mas inata na mulher, na mulher é esta: “Temos direito de enganar aqueles que imaginam poder, pelo fato de proverem os gastos de nossas substâncias, conquistar em seu benefício os direitos da espécie. Somos nós as depositárias desses direitos, e de nós é que dependem a constituição e a salvação da espécie, a criação da geração vindoura. Temos que trabalhar intensamente por ela.

Este princípio não o compreendem as mulheres *in abstracto*, mas sim *in*

concreto e, apresentando-se o momento, manifestam- no em sua maneira de proceder. Sua consciência neste ponto, deixa as mais em sossego do que poderia crer, porque no íntimo do coração sabem que os direitos da espécie são superiores aos do indivíduo, e, traindo estes, cumprem melhor aqueles.

Criadas unicamente para a propagação da espécie, sua vocação se concretiza neste ponto e vivem mais para a espécie do que para o indivíduo. Isto lhes dá certa malícia e as faz pensar e sentir de um modo oposto ao homem; assim se originam os rompimentos mais frequentes nos matrimônios.

Perjuras

O juramento em falso é mais frequente na mulher do que no homem, e valeria a pena saber se deve admiti-las ante os tribunais de justiça.

A Instintiva Inclinação para o Mal

É comum certas senhoras distintas e ricas, que não estão privadas de coisa alguma, de serem surpreendidas em flagrante delito de roubo nos estabelecimentos de modas.

A Mulher, Inimiga do Homem

Os homens, entre si, são indiferentes; as mulheres são inimigas por natureza. A rivalidade, que nos homens fica limitada aos indivíduos que exercem uma mesma profissão, *odium figulinum*, abrange a todas as mulheres, porque todas elas têm uma mesma profissão. Se duas mulheres se encontram na rua, trocam entre si olhares de desafio. Uma entrevista entre duas mulheres é muito mais reservada, hipócrita e astuta que entre dois homens. Os elogios entre elas são mais ridículos que os usados pelos homens em idênticas situações.

Em geral, o homem fala a seus mais íntimos subordinados com certa consideração; a mulher, no entanto, feia com insuportável altivez a outra de classe inferior, mesmo que não esteja a seu serviço. É porque as diferenças de classe entre elas são muito mais precárias que entre os homens e podem facilmente ser suprimidas. A posição que um homem ocupa na sociedade depende de muitas circunstâncias; na mulher, uma só resolve tudo; o homem a quem souberam agradecer. Sendo uma mesma e única a função que elas desempenham no mundo, estão todas num mesmo pé de igualdade, e por isso procurar criar mais sensíveis diferenças de posição.

O Sexo Feminino Não Deve Ser Chamado Belo

Se a inteligência do homem não estivesse obscurecida pelo amor, nunca teria chamado de belo esse sexo de pequena estatura, ombros estreitos, ancas largas e

pernas curtas. Com mais motivo deveria ser chamado *inestético*.

A Tagarelice da Mulher

"As mulheres em geral — disse Jean-Jacques Rousseau —, não apreciam arte alguma, não a conhecem e lhes falta talento."

Um bom observador o teria notado. Teria visto que, num concerto ou numa representação teatral, não lhes chama a atenção as mais belas cenas; com a maior sem-cerimônia continuam a sua tagarelice. Não seria demais trocar o *mulier taceat in ecclesia* por um *taceat mulier in teatro*, e suspender este preceito em grossos caracteres no pano da cena.

Os gregos tinham razão quando não permitiam o acesso de mulheres aos espetáculos; assim os atores podiam ser ouvidos.

A Mulher Prosaica

A mulher não tem disposição para a poesia e nem para a arte; não tem o sentido e a inteligência suficiente para a música; fingem-no por pura imitação, puro pretexto, pura afetação inspirada pelo desejo de agradar.

Falta à Mulher Capacidade Superior

Que podemos esperar de um sexo que não pode dar ao mundo um espírito verdadeiramente grande nem uma obra artística e original? A mulher cultiva a pintura e domina com facilidade a sua técnica, mas falta-lhe objetividade de espírito com que conceber e criar uma obra de arte.

Há três séculos, Huarte, em seu famoso livro "Examen de ingenios para las ciências", negou toda a capacidade superior às mulheres.

Devido à nossa absurda organização social, a mulher compartilha a posição do homem por muito elevada que esta seja, e para a conservar ou melhorar, aviva continuamente as ambições dele, sendo causa da corrupção dos nossos costumes.

Napoleão I dizia que as mulheres não tinham categoria.

"A mulher — dizia Chamfört — foi feita para negociar com as nossas debilidades e com a nossa loucura, mas não com a nossa razão. Existe entre ela e o homem simpatias de epiderme, e muito poucas simpatias de espírito, de alma e de caráter."

A Indiferença Feminina

Por coisa alguma se interessa a mulher. Enquanto o homem exerce um domínio real por sua força ou por sua inteligência, a mulher acha-se reduzida a um domínio

indireto, isto é, o seu poder provém do homem, e é unicamente sobre ele que ela exerce uma influência imediata.

O interesse que demonstra pelas coisas exteriores é sempre um artifício, às vezes um ato inteiramente imitativo ou a manifestação de sua elegância.

Inferioridade da Mulher

A mulher foi feita para se manter à distância e em segundo plano. É o *sexus sequior*, o sexo inferior a todos os respeitos.

Certamente devemos respeitar sua fraqueza, mas é ridículo prestar-lhe homenagem, o que nos desvaloriza aos seus olhos.

A natureza, ao separar a espécie em dois sexos, não usou de equidade, pois a melhor parte coube ao homem.

Nosso Erro

Melhor do que nós, com a nossa estúpida veneração germano-cristã e nossa galanteria à antiga moda francesa, souberam os antigos povos do Oriente compreender melhor a conveniência que cabe à mulher.

Os Macacos Sagrados de Benarês

A arrogância e importância da mulher me fazem, muitas vezes, lembrar os macacos sagrados de Benarês, os quais tal consciência têm da sua sacrossanta dignidade que se julgam com direito a tudo.

A Senhora

Nos países do Ocidente, a mulher, a quem chamam de *senhora*, ocupa uma posição completamente falsa, porque a mulher, *sexus sequior* dos antigos, nada tem para inspirar veneração e receber homenagens, nem para sobressair-se aos homens, nem para ter direitos iguais aos deles. São evidentes as consequências desta *falsa posição*. Seria para desejar que esse “número dois” da espécie humana ocupasse o lugar que lhe destinou a natureza e se suprimisse a *senhora*, atualmente alvo das zombarias de toda a Ásia e de quem se riram Roma e a Grécia na antiguidade.

A reforma dos costumes neste sentido, seria um grande bem político e social. Não deveria existir essa espécie de criatura, a quem os europeus chamam *senhora*. Deveria haver, somente, mulheres aplicadas aos trabalhos domésticos, e moças aspirando ao mesmo fim, que seriam educadas para a obediência e para o trabalho e sem arrogância. Esta distinção às mulheres europeias, fez com que as de uma classe inferior vivam em sua maioria em baixas condições, comparadas com suas semelhantes do Oriente.

Definição do Matrimônio

O casamento é uma cilada que nos arma a natureza.

Elogio da Poligamia

Na Europa o casamento é regido por leis de falsos princípios, que consideram a mulher igual ao homem.

Neste hemisfério monógamo, o homem perde no casamento metade de seus direitos e duplica as suas obrigações. Mas essas leis, que tal determinaram, não puderam conferir à mulher uma razão viril.

A vantagem que a monogamia e as maravilhas que daí resultam concedem à mulher, proclamando-a igual ao homem e dando-lhe direitos imerecidos, têm como consequência o temor dos homens sensatos e precavidos em contrair um compromisso tão desigual.

Na poligamia, a mulher sempre encontra um homem que se encarregue dela; em nossa monogamia é grande o número de jovens que precisam de proteção e afeto. Quando essas jovens pertencem às classes inferiores da sociedade se submetem a penosos trabalhos para ganhar a vida, e quando pertencem às classes privilegiadas arrastam tristemente o seu forçado solteirismo.

Se são pobres, caem quase sempre no abismo da prostituição, fazendo parte de uma coletividade desonrosa, cujo fim parece ser o de preservar dos perigos da sedução as mulheres felizes que encontraram marido ou esperam encontrá-lo.

Só na cidade de Londres existem oitenta mil prostitutas, vítimas da monogamia, pobres criaturas sacrificadas no altar do matrimônio.

Não se compreende por que razão não possa o homem tomar uma segunda esposa no caso de que sua mulher se tenha tomado demasiado idosa, padeça de um mal crônico ou não possa ter filhos.

Suprimindo essa assombrosa monogamia os Mormões alcançaram grande sucesso. Concedendo à mulher direitos que não merecem, impuseram-lhe deveres que não poderão cumprir.

O homem que se casa comete uma verdadeira loucura devido às exigências de posição, a que é obrigado por sua esposa, a menos que contraia matrimônio com uma mulher de grandes haveres. Quando deseja encontrar uma mulher que lhe agrade, ele a procurará fora do casamento e se limitará em assegurar a subsistência da amante e dos filhos que, porventura, dela venha a ter. Mas se a mulher cede, sem exigir o matrimônio, base de toda a nossa sociedade, fica desonrada perante esta, e não será feliz porque o homem se preocupa excessivamente com a opinião dos outros. Se, pelo contrário, a mulher resiste, corre o risco de morrer solteira ou casar-se a contragosto, pois, à medida que o tempo decorre, mais raras se tornam as ocasiões.

Sob o ponto de vista da monogamia é de grande utilidade a leitura do tratado sábio e profundo de Thomasius *De concubinato*, onde se vê que o concubinato foi tolerado por todos os povos civilizados. Até a Reforma foi uma instituição legalmente admitida e de modo algum desonrosa. Por ocasião da reforma luterana, que se serviu desse argumento, o celibato dos sacerdotes, foi que a igreja católica o condenou.

Não se trata aqui de se discutir a poligamia e sim de organizá-la, visto que ela existe em toda parte. Todos, durante algum tempo, ou quase sempre, vivemos na poligamia.

Se todo homem carece de várias mulheres, é muito natural que as tenha, e mesmo seria justo que fosse obrigado a tê-las. Assim desapareceria do nosso cenário social a *senhora*, esse *monstrum* da nossa civilização e da estupidez germano-cristã, com suas ridículas pretensões sobre a igualdade de sexos. Voltaria, então, a mulher a ocupar no mundo o lugar que lhe assinalou a natureza: o de uma criatura subordinada ao homem.

Extinguir-se-ia a *senhora*, mas se extinguiria também essas desgraçadas que encham agora a Europa.

A Mulher Precisa de um Amo

A natureza fez da mulher um ser passivo destinado à obediência. Se às vezes se encontra em uma situação de independência, e como esta é contrária ao seu temperamento, procura satisfazer a necessidade de um amor, unindo-se a qualquer homem, por quem se deixa dominar e dirigir. Se é jovem arranja um amante; se é velha, um confessor.

A Honra na Mulher Solteira e na Casada

Na mulher solteira a honra se baseia na confiança que sua pureza emana; na casada a fidelidade ao seu marido.

O Que os Homens Desejam das Mulheres e o Que as Mulheres Desejam dos Homens

As mulheres exigem dos homens tudo o que necessitam e desejam; os homens, no fundo, só lhes pedem uma coisa. Eis por que as mulheres concedem essa única coisa somente depois de um compromisso formal do homem, em que ele se obriga à proteção dela e dos futuros filhos. Portanto, a sorte de todas as mulheres depende da negação ou concessão dessa coisa única.

A Honra Como Escudo

A honra é para a mulher uma espécie de escudo. Graças a ela resistem aos

ataques do homem, seu inimigo, a quem é necessário vencer para poder participar dos bens terrestres, que ele conquistou por sua superioridade intelectual e física.

A Honra, Espírito de Corpo

A primeira máxima da honra feminina impõe, como condição principal, a negação do homem de todas as relações ilegítimas com o fim de que este seja obrigado a um série de capitulações por meio do casamento. Para lograr esta finalidade, a máxima precedente deve ser rigorosamente respeitada; pela sua execução velam todas as mulheres, demonstrando um verdadeiro espírito de corpo que as liga a um ideal comum.

Uma jovem que se deixa seduzir, fora do matrimônio, toma-se culpada de traição para com todo o seu sexo, porque, se esse ato se generalizasse, comprometer-se-ia o ideal comum. Esse ideal se destruiria se ela não fosse expulsa da sociedade das mulheres honradas. Acabrunham-na de vergonha e dela se afastam como de um leproso. O mesmo acontece com a mulher adúltera porque faltou com a principal cláusula da capitulação consentida pelo marido. Esse mau exemplo comprometeria a sorte de todas as mulheres, pois seria de molde a desviar os homens que assinarem o compromisso do matrimônio.

Além da honra peculiar ao seu sexo a mulher adúltera perde o que poderíamos chamar de honra civil, porque o seu ato constitui um erro, uma falta grosseira à fê jurada.

O sedutor pode restituir à jovem seduzida sua honradez através do matrimônio, esta é perdoada; mas o mesmo não acontece com a mulher casada a quem não se pode restituir a honradez nem mesmo após o divórcio.

Deve-se reconhecer a importância deste espírito de corpo e de como é indispensável à sorte da mulher; mas não é possível conceder-lhe um valor absoluto, além da vida e de sua finalidade, a ponto de por ele sacrificar a existência.

A honra das mulheres não se fundamenta num princípio natural; é o que prova o número imenso de assassinios de recém-nascidos, suicídios das mães, vítimas imoladas em holocausto a um princípio puramente convencional.

A Mulher, Vítima da Desonra

Quando uma jovem se entrega ao amante, cometendo uma traição para com os interesses do seu sexo, temos em conta que se trata de um acordo implícito e sem compromisso formal da sua parte.

Portanto, sua traição tem atenuantes, sobretudo considerando-se que, em geral, é ela a primeira vítima de sua loucura, a qual é maior que a depravação.

A Morte

Se houvesse um homem que não pudesse morrer, e se fosse verdadeira a lenda do judeu errante, titubearíamos em o declarar o mais infeliz? Assim se poderia explicar o vazio da tumba; significaria que o mais infeliz, é aquele que não pode morrer, nem refugiar-se em um túmulo.

KIERKEGAARD

O Grande Desengano

O laço formado com inconstância pela criação é desfeito pela morte, sendo a penosa aniquilação do principal erro do nosso ser; o grande desengano.

A Filosofia, Filha da Morte

Morte, gênio inspirador, a musa da filosofia. Sem a qual dificilmente se teria filosofado.

A Noite Eterna

Quão longe é a noite da eternidade comparada com o curto sonho da vida!

A Não Sobreviver, Persistir

A indestrutibilidade que a duração infinita da matéria oferece, poderia consolar aquele que não pode conceber outra imortalidade. “O quê? — dir-se-á, — a persistência de uma matéria bruta, de um pouco de pó, seria a continuidade do nosso ser?”

Sim, um pouco de pó. Conhecem o que é esse pó? Aprendam a conhecê-lo antes de o desprezar. Essa matéria, pó e cinza, dentro em pouco dissolvida na água, brilhará no esplendor dos metais, projetará faíscas elétricas, manifestará o seu poder magnético, converter-se-á em animal e em planta, e no mistério de sua essência criará essa vida, cuja perda chora amargamente nosso espírito acanhado.

Não será nada, então, persistir na indestrutível matéria?

Dogma da Imortalidade

A natureza nos ensina a doutrina da imortalidade, quando se observa, no Outono, o pequeno mundo dos insetos, e se nota que um prepara o leito para o longo sono do Inverno, que outro prepara o casulo onde se transforma em crisálida, para renascer na Primavera, e que, enfim, esses insetos se contentam, quando próximos da morte, em colocar os ovos em lugar favorável para renascerem um dia rejuvenescidos, num novo ser?

A natureza nos expõe a esses exemplos com o intuito de demonstrar que não há diferença fundamental entre a morte e o sono; ambos, perigo algum constituem à existência.

O cuidado com que o inseto prepara a célula, o buraco, o ninho e o alimento para a larva, que há de nascer na Primavera, e morre, uma vez isso feito, — assemelha-se muito ao cuidado com que o homem, à noite, arruma a roupa, prepara o almoço para o dia seguinte, indo depois dormir sossegadamente.

E isto não sucederia se o inseto que morre no Outono não fosse exatamente igual ao que deve nascer na Primavera, assim como o homem que se deita, é o mesmo que se levanta no dia seguinte.

A Vida e a Morte

Nascimento e morte são condições da vida, e se equilibram, formando os dois pólos, as duas extremidades da existência, e ao seu redor giram todas as suas manifestações. Um símbolo da mitologia hindu, a mais sábia de todas, dá como atributo a Siva, o deus da morte e da destruição, um colar de caveiras e o “lingam”, órgão e símbolo da geração, pois o amor é a compensação da morte, e um ao outro se neutralizam.

Para tomar mais evidente o contraste da morte do homem com a vida imortal da natureza, os gregos e os romanos adornavam os seus sarcófagos com baixos-relevos figurando danças, caças, lutas entre animais, bacanais e, numa palavra, todos os espetáculos de uma vida mais forte, mais agradável e alegre, e até mesmo sátiros unidos a cabras.

Necessidade da Morte

A individualidade do homem tem tão pouco valor que nada perde com a morte; há alguma importância nos característicos gerais da humanidade, que são indestrutíveis.

Se concedessem ao homem uma vida eterna, sentiria tanta repugnância por ela que acabaria desejando a morte, farto da imutabilidade de seu caráter e de seu ilimitado entendimento.

Se exigíssemos a imortalidade perpetraríamos um erro porque a individualidade não deveria existir, e o verdadeiro fim da vida é livrar-nos dela.

Se não houvesse penas e trabalhos, acabaria o homem por enfastiar-se, e voltaria a sofrer as dores do mundo em tudo o que se encontrasse ao seu alcance.

Num mundo melhor o homem não se sentiria feliz, o essencial seria fazer com que ele seja o que não é, isto é, transformá-lo completamente.

A morte realiza a principal condição; deixa de ser o que é; tendo isto em conta, concebe-se-lhe a necessidade moral. Ser colocado noutro mundo, e mudar inteiramente de ser, é no fundo uma só e mesma coisa.

Seria conveniente que a morte, que destruiu uma consciência individual, a reanimasse de novo dando-lhe uma vida eterna?

Qual o conteúdo, quase invariável, desta consciência? Uma torrente de ideias e preocupações mesquinhas, acanhadas, terrenas. Melhor seria deixá-la repousar eternamente.

Supremo Consolo

Contemplando a expressão de suave serenidade refletida no rosto da maioria dos mortos, parece que o fim de todas as atividades da vida seja um consolo para a força que a mantém.

Indiferença da Natureza Perante a Morte

A vida e a morte, o nascer e o morrer, é o maior jogo de dados que conhecemos; ansiosos, interessados, agitados assistimos a cada partida, porque a nossos olhos tudo se resume nisso.

A natureza, pelo contrário, que é sempre sincera e nunca mente, contempla a partida com ar indiferente, não se preocupa com a morte ou a vida do indivíduo, entregando a vida do animal e também a do homem a todos os acasos, não fazendo o mínimo esforço para os salvar.

Esmagamos sem querer o inseto que se acha em nosso caminho; a lesma necessita de todo meio para se defender, não pode fugir, esconder-se, nem enganar, está condenada a ser presa de todos os seus inimigos; o peixe saltita tranquilamente na rede ainda aberta; o sapo devido à sua moleza não pode salvar-se; o pássaro não vê o falcão voar sobre sua cabeça, nem a ovelha vê o lobo que a espreita oculto na mata. Todos esses animais inofensivos e fracos vivem no meio de perigos ignorados, dos quais podem ser vítimas a todo momento.

A natureza exprime com esse procedimento, no seu estilo lacônico, oracular, que lhe é indiferente a destruição de seus seres, não podendo ser por eles prejudicada, e que em casos semelhantes tão indiferente é o efeito como a causa. Por isso

abandona sem defesa esses organismos, obras de uma arte eterna, à vontade do mais forte, aos caprichos da sorte, à crueldade da criança, ao mau humor de um imbecil.

A natureza, mão soberana e universal de todo o criado, sabe que quando seus filhos sucumbem, voltam ao seu seio, onde os conserva ocultos, expondo-os a mil perigos sem temor algum; a sua morte é para ela um divertimento, um jogo.

A natureza é indiferente no que se relaciona ao homem ou ao animal; não se deixa impressionar conosco, ou durante a vida ou na morte. Tão pouco nos devíamos comover porque fazemos parte dela.

A Folha Seca Interroga o Destino

Se dirigimos o pensamento para um longínquo futuro e procuraremos representar-nos às futuras gerações com os milhões de homens distintos e diferentes de nós pelos usos e costumes, perguntaríamos a nós mesmos: “De onde vieram? Onde estão agora? Onde se achará o profundo seio do nada, produtor do mundo, que os oculta?”

Mas a esta pergunta, devíamos sorrir, por onde se poderá achar senão onde toda a realidade é, e será, no presente em tudo o que este representa e contém, em ti, insensato que interrogas, pois ignorando a tua própria essência, assemelhas-te a uma folha seca que oscila no ramo de uma árvore, e, no Outono, pensando na sua próxima queda, lamenta sua sorte, sem querer consolar-se com a ideia dos tenros brotos que na Primavera virão adornar a árvore. E a folha seca se queixa: “Já não sou eu, serão outras folhas”.

Oh! folha insensata! onde queres tu ir? De onde poderiam vir as outras folhas? Onde está esse nada em que temes sucumbir? Reconhece, pois, o teu próprio ser oculto na força íntima, sempre ativa da árvore, nessa energia que não acarreta a morte nem o nascimento de todas as suas gerações de folhas.

Não sucede com as gerações de homens o mesmo que com as folhas de uma árvore?

A Dor

Habitado por entes torturados e por demônios que torturam o mundo é um verdadeiro inferno onde predomina a dor.

SCHOPENHAUER

A Vida É Dor

Quem deseja, sofre; quem vive, deseja; a vida é dor.

Quanto mais elevado é o espírito do homem, mais sofre.

A vida não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de sermos vencidos.

A vida é uma incessante e cruel caçada onde, às vezes como caçadores, outras como caça, disputamos em horrível carnificina os restos da presa.

A vida é uma história da dor, que se resume assim: sem motivo queremos sofrer e lutar sempre, morrer logo, e assim consecutivamente durante séculos dos séculos, até que a Terra se desfaça.

Deus, Criador

Se é certo que um Deus fez este mundo, não queria eu ser esse Deus: as dores do mundo dilacerariam meu coração.

Se imaginássemos um demônio criador, ter-se-ia o direito de lhe censurar, mostrando-lhe a sua obra: “Como te atreves a perturbar o sagrado repouso do nada, para criares este mundo de angústia e de dores?”

Nosso Inferno

O inferno de nossa vida supera o de Dante no ponto de que cada um de nós é o demônio do seu vizinho. Há também um arquidemônio, a quem os outros obedecem: é o conquistador, que dispõe os homens uns em frente dos outros e lhes grita:

“Vosso destino é sofrer e morrer; portanto, matem-se mutuamente”.

E assim procedem os homens.

O Melhor dos Mundos

Se mostrássemos aos homens as horríveis dores e os atrozes tormentos, a que está constantemente exposta a sua existência, tremeria de espanto; e se ao mais convencido otimista fizessemos visitar os hospitais, os lazaretos, as salas de torturas dos cirurgiões, as prisões, os campos de batalha, os tribunais de justiça, os sombrios refúgios da miséria, e se, por último, o fizessemos contemplar a torre de Ugolino, acabaria por reconhecer de que modo é este “o melhor dos mundos possíveis”.

Nosso Mundo, Modelo de Horrores

Se considerarmos a dificuldade que teve Dante em descobrir o céu e suas alegrias, logo se verá que classe de mundo é o nosso. Por quê? Porque o nosso mundo nada apresenta de análogo. E para descrever o Paraíso viu-se o poeta obrigado a dar parte das notícias que lhe deram os seus antepassados, sua Beatriz e vários santos.

Sem embargo, Dante descobriu muito bem o Inferno. Por quê? Porque achou o assunto e o modelo na realidade do nosso mundo.

A Tragicomédia de Nossa Vida

Vista e examinada minuciosamente de alto e de longe, a vida de cada homem tem o aspecto de uma comédia; em sua total consideração ou em seus aspectos mais dignos de apreço, se apresentará como uma contemplação trágica.

O afã e o trabalho de cada dia, os desejos e receios cotidianos, as desgraças de cada hora, os acasos da sorte sempre disposta e nos enganar são outras tantas cenas da comédia.

As aspirações iludidas, as ilusões desfeitas, os esforços baldados, os erros que completam nossa vida, as dores que se acumulam até terminar na morte, o último ato, eis a tragédia.

Parece que o destino quis juntar o escárnio ao desespero, e, fazendo de nossa vida uma tragédia, não nos permite conservar a dignidade de uma personagem trágica.

Por isso é que em todos os atos da vida representamos o lamentável papel de cômicos.

Da Dor ao Aborrecimento

A dor e o aborrecimento são os dois últimos elementos entre os quais oscila a vida do homem.

Os homens exprimiram esta oscilação de modo curioso; depois de haverem feito do inferno o lugar de todos os tormentos e dores, que deixaram para o céu? justamente o aborrecimento.

Rio Abaixo

A vida é um mar cheio de escolhos e turbilhões que o homem evita à força de prudência e cuidados, sem embora desconhecer que, à medida que avança sem poder retardar a marcha, corre para definitivo e inevitável naufrágio, a morte, fim fatal de sua acidentada navegação, e para ele muito mais perigoso que todos os turbilhões e escolhos de que conseguiu escapar.

Disfarces da Dor

Nossos esforços para banir a dor de nossa vida não conseguem outro resultado senão o de fazê-la mudar de forma. Em sua origem tomam o aspecto da necessidade, cuidado, para atender as coisas materiais da vida, e quando, após um trabalho incessante e penoso, conseguimos afastar a horrível máscara da dor neste determinado aspecto, adquire outros mil disfarces, segundo a idade e as circunstâncias: o instinto sexual, o amor apaixonado, a inveja, o rancor, os ciúmes, a ambição, a avareza, o temor, a enfermidade, etc.

Toma o aspecto triste e desolado do tédio, da sociedade, quando não encontra outro modo de se apresentar. E se com novas armas conseguimos afastá-la novamente, recuperará sua antiga máscara, e a dança recomeça.

Condenados à Morte

Na primeira mocidade, colocamo-nos perante o destino, como as crianças, que, em frente ao pano de um teatro, impacientes e alegres, esperam as maravilhas que virão surgir em cena. É uma felicidade não podermos saber nada de antemão.

Para quem sabe o que realmente vai se passar, as crianças são inocentes condenados não à morte, mas à vida, e que desconhecem ainda a sua sentença.

Todos Desterrados

Se não fosse a dor, poderíamos dizer que a nossa existência no mundo não teria nenhuma razão de ser. É um absurdo pensar que a dor, que nasce da vida e enche o mundo, seja apenas um acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça pessoal apresenta-se como uma exceção, mas, como somos todos desgraçados, a desgraça geral é a regra.

Vivemos Combatendo

Na desgraça, pensar em outros que são mais desgraçados, é o nosso maior consolo: é este o remédio eficaz ao alcance de todos. Porém, como os carneiros, que saltam no prado, enquanto o carniceiro fez a sua escolha no meio do rebanho, assim, em nossas horas felizes, não sabemos que desastre nos prepara o destino, justamente

nesse momento: enfermidade, ruína, loucura, perseguições, etc.

Tudo que defendemos, resiste-nos, tudo tem uma vontade hostil que é preciso vencer. A história nos diz que a vida dos povos é uma sucessão de guerras e revoltas; os anos de paz não passam de curtos entreatos. O mesmo acontece com a vida do homem, em constante luta contra as penas ou o aborrecimento, males abstratos, e contra seus semelhantes. Em todas as partes e ocasiões temos que travar combate com um adversário.

A vida é uma guerra sem quartel, e a morte nos encontra com as armas na mão.

O Tempo, Mais um Tormento

A rapidez do tempo, que se conserva atrás de nós como um vigia dos forçados, é mais um tormento da existência, que nos faz viver apressadamente sem sossego e sem deixar-nos respirar.

São poupados somente aqueles que o tempo condenou ao aborrecimento.

Necessidade da Dor

Todos nós necessitamos sofrer certo número de preocupações, de penas e misérias, da mesma maneira que um barco tem necessidade de lastro para conservar seu equilíbrio.

Se assim não fosse, se súbito nos libertássemos do peso da dor e das contrariedades, o orgulho do homem o faria em bocados ou pelo menos seria levado às maiores irregularidades e até à loucura furiosa, do mesmo modo que o nosso corpo rebentaria se repentinamente deixasse de sentir a pressão atmosférica.

O quinhão de quase todos os homens durante sua vida resume-se em pesares, trabalho e miséria, porém, se todas as aspirações humanas se realizassem, com que se preencheria o tempo? O que preencheria sua vida?

Se os homens vivessem no país das fadas, onde nada exigisse esforço e onde as perdizes voassem já assadas e recheadas ao alcance da mão, num país, onde cada um pudesse obter a sua amada sem dificuldade alguma, eles morreriam de tédio ou se enforcariam, outros despedaçar-se-iam entre si, causando-se maiores males que os impostos pela natureza.

E isto demonstra que para nós não há melhor cenário que aquele que ocupamos, nem melhor existência do que a atual.

Se pensamos (é só possível ter-se uma ideia aproximada) na dor, nos tormentos de todas as espécies que o Sol ilumina no seu curso, sentimo-nos propensos a desejar que a sua luz perca o poder criador da vida, como acontece com a Lua, e que a superfície do nosso planeta se faça tão gelada e estéril como a do astro da noite.

A Grande Mentira da Vida

Nossa vida é um episódio que perturba, sem nenhuma utilidade, a serenidade do nada.

Mesmo aquele que não considera a existência como uma carga, à medida que passam os anos tem a consciência clara de que a vida é, em todos os seus aspectos, uma imensa mistificação para não dizer uma formidável zombaria.

O Espectador se Aborrece

O homem que sobrevive a duas ou três gerações pode ser comparado ao espectador de um circo, que assiste às mesmas farsas duas ou três vezes seguidas. Como a farsa estava calculada para uma única representação sua repetição não causa efeito no ânimo do espectador, o qual se aborrece por estarem dissipadas a ilusão e a novidade.

Uma Bela Expressão

A vida é uma carga enfadonha e aborrecida, uma tarefa que devemos desempenhar com tanto trabalho, que involuntariamente pensamos no descanso: e neste sentido a palavra *defunctus* é uma bela expressão.

Vítimas e Algozes

Povoado por almas torturadas e por diabos que torturam, o mundo é um imenso inferno.

A Filosofia não é o Catecismo

Ainda ouvirei dizer que a minha filosofia entristece tudo isso porque digo a verdade àqueles que só gostariam que eu lhes dissesse: “Deus, Nosso Senhor, fez tudo muito bem”.

Ide à igreja, e deixai os filósofos em paz, ou, pelo menos, não lhes exijam que ajustem as suas doutrinas ao vosso catecismo. Recorrei aos filosofastros e encomendai-lhes teorias ao vosso gosto. Não há nada que dê mais prazer ou que seja mais fácil do que perturbar o otimismo dos que ensinam filosofia.

A Dor de Viver

Se o ato da geração fosse somente obra de razão e reflexão, em vez de ser uma necessidade ou uma voluptuosidade, subsistiria a espécie humana? Não sentiríamos piedade pela geração futura, para lhe poupar a dor de viver, ou, ao menos, não hesitaríamos em impor-lhe a sangue frio tão pesada carga?

Inveja e Compaixão

Não há uma só pessoa que seja verdadeiramente digna de inveja; e quantas são dignas de compaixão!

Pranto, Dor e Aborrecimento

Nossa razão se obscurece ao considerarmos que as inúmeras estrelas fixas, que brilham no céu, não têm outro fim senão o de iluminar mundos onde reinam o pranto, a dor, e onde, no melhor dos casos, só vinga o aborrecimento; pelo menos a julgar pela amostra que conhecemos.

O Mundo, Lugar de Expição

Brama criou o mundo por uma espécie de pecado ou desvario, e permanece nele para expiar sua falta. — Muito bem! — Segundo o budismo, uma perturbação inexplicável criou o mundo, produzindo-se depois um longo repouso na beatitude serena, chamada Nirvana, que será conquistada pela penitência. Perfeitamente.

Para os gregos o mundo e os deuses eram a obra de uma necessidade insondável, explicação admissível, porque nos satisfaz provisoriamente.

Ormuzd combate com Ariman: isto podemos admitir.

Mas um Deus como esse Jeová, que *animi causa*, por seu bel-prazer, criou este mundo de lágrimas e dores, e que ainda se alegra e se aplaude de o haver criado, achando-o bom, isso já é demasiado forte. Sob este ponto de vista, podemos considerar a doutrina dos judeus como a última entre todas as que professam os povos civilizados, sobretudo, sendo que tomemos em consideração de ser ela a única que não possui qualquer vestígio de imortalidade.

Ainda que a teoria de Leibnitz fosse verdadeira, embora se admitisse que entre os mundos possíveis este é o melhor, essa demonstração não nos daria nenhuma teodicéia, porque o Criador não se limitou a criar o mundo, mas também a possibilidade de sua criação: por isso deveria ter criado um mundo melhor.

A dor que enche o mundo protesta irada contra a hipótese de uma obra perfeita devida a um ser infinitamente bom e sábio, e também todo-poderoso. E, por outra parte, é bem evidente a notória imperfeição, a burlesca caricatura que é o homem, obra acabada da criação. Não é possível explicar essa dissonância. Quando consideramos o mundo como obra de nossa própria culpa, e, portanto, como alguma coisa que não pode ser melhor, as dores e misérias da humanidade são provas em apoio desta tese.

Se o mundo é obra de um criador, as dores voltam-se contra ele dando lugar a cruéis sarcasmos; mas se é obra nossa, a acusação é contra o nosso ser e a nossa vontade. Isto nos fez pensar que viemos ao mundo já viciados, como os filhos de pais

gastos pelos desregramentos, e que se a nossa existência é tão miserável, e tem por desfecho a morte, é porque assim merecemos, para expiar nossa culpa. Generalizando, nada é mais certo: a culpa do mundo é que causa os sofrimentos, e entendemos esta relação no sentido metafórico, e não no físico e empírico. Por isso, a história do pecado original reconcilia-me com o Antigo Testamento; para mim é a única verdade metafísica que o livro contém, expressa em forma alegórica. A nada se assemelha tanto nosso destino como à consequência de uma feita, de um desejo culpado.

Para ter orientação na vida, e considerar a vida em seu verdadeiro aspecto, basta habituarmo-nos ao pensamento de que este mundo é um vale de lágrimas, em lugar de penitência, *a penal colony*, como a definiram os mais antigos filósofos, e alguns padres da Igreja. (Santo Agostinho, *De civit Dei*); o que em todas as épocas o confirma o bramanismo, o budismo, Empédocles e Pitágoras. Cícero, em sua “Fragmenta de filosofia” conta que nas antigas iniciações dos mistérios se ensinava: *nos ob aliqua scelera suscepta in vita superiore, poenarum luendarum causa natos esse*. O verdadeiro cristão considera a vida como a consequência de uma feita, de uma culpa, de uma queda. Se nos habituássemos a essa idéia, não pediríamos à vida senão o que ela nos pode dar; receberíamos resignados, como uma lógica, as dores, os contratempos e desenganos que o mundo nos oferece, pois, sabemos que aqui estamos para suportar a pena de viver, a que nos condenarem.

Vanini, que achara mais fácil queimar que refutar, diz: Tot, tantisque homo, repletus miseriis, ut si christianae religioni non repugnaret, dicere auderem: si daemonis dantur, ipsi, in hominum corpora transmigrantes, sceleris poenas luunt. (De admi randi naturae arcanis).

Não é mister que eu diga o que vale a sociedade de nossos semelhantes; aqueles estão conscientes que mereceriam outra melhor, assim como se sabe que não é a menor pena do presidiário a sociedade em que ele se encontra. Um espírito elevado, uma alma delicada, um gênio pode sentir a mesma necessidade de isolamento que um nobre prisioneiro que se encontra na cadeia rodeado de criminosos vulgares.

Se sempre nos lembrássemos de que viemos ao mundo para expiar uma culpa, acolheríamos sem surpresa e sem indignação as imperfeições de nossos semelhantes, os tormentos que aqui sofremos, cuja miserável constituição intelectual e moral se revela até no rosto.

A certeza de que o mundo e o homem não podem mudar nos encheria de dó pelo próximo. Com efeito, que podemos esperar de tais seres?

Penso, às vezes, que a melhor maneira dos homens se cumprimentarem em vez de ser “Cavalheiro, Senhor, Sir”, poderia ser “companheiro de sofrimentos, *soci malorum, my fellow-sufferer*”...

Por mais irritante que pareça esta expressão, tem mais fundamento que as usuais, e recorda-nos a paciência, indulgência e amor ao próximo, e, usada por todos,

beneficiaria a cada um.

A Dor é a Única Positiva

Do mesmo modo que o rio corre manso e sereno, enquanto não encontra obstáculos que se oponham à sua marcha, assim corre a vida do homem quando nada se lhe opõe à vontade. Vivemos inconscientes e desatentos: nossa atenção desperta no mesmo instante em que nossa vontade encontra um obstáculo e choca-se contra ele.

Sentimos ato contínuo tudo o que se ergue contra a nossa vontade, tudo o que a contraria ou lhe resiste: ou o que é mesmo, tudo o que nos é penoso e desagradável.

No entanto, não prestamos atenção à saúde geral do nosso corpo, mas percebemos ligeiramente aonde o sapato nos molesta; não pensamos nos negócios e só nos importamos com uma ninharia que nos incomoda. Isto quer dizer que o bem-estar e a felicidade são valores negativos, e só a dor é positiva.

É um absurdo acreditar o contrário, que o mal é negativo. Ele é positivo, porque se faz sentir.

Toda a felicidade, todo o bem é negativo, e toda a satisfação também o é, porque suprime um desejo ou termina um pesar. Acrescentamos a isto que, em geral, nunca sentimos uma alegria maior que a que sonhávamos, e que a dor sempre a excede.

Se quereis certeza das diferenças entre o prazer e a dor, comparai a impressão do animal que devora outro, com a impressão do devorado.

Bolhas de Sabão

O homem só vive no presente, que se converte no passado, e afunda-se na morte. Exceto as consequências que podem influir no presente, e que são filhas de sua vontade, ou de seus atos, a sua vida passada já não existe. Devia portanto ser-lhe indiferente que esse passado fosse de prazeres ou tristezas.

O presente foge-lhes das mãos, transformando-se no passado. O futuro é incerto.

Fisicamente, o andar não é mais do que uma queda evitada a cada instante; da mesma maneira a existência é a morte suspensa, adiada, e a atividade de nosso espírito não é mais que uma luta constante contra o tédio.

É pois fatal que a morte alcance a vitória. Por haver nascido lhe pertencemos, e durante nossa vida não faz senão brincar com a presa antes de a devorar.

E assim como quem faz bolhas de sabão, e apesar da segurança de que acabará por rebentar, se entretém em fazê-la aumentar de volume, assim seguimos o curso de nossa existência, prodigalizando-lhe cuidados e atenções.

A Felicidade Não Pode Viver no Presente

A vida é uma constante mentira, quer nas coisas pequenas como nas grandes. Quando nos faz uma promessa, não a cumpre, a não ser para mostrar-nos que era pouco desejável o nosso desejo. Da mesma maneira nos engana a esperança quando não se realiza o que esperávamos.

E se a vida cumpre o que nos prometeu, foi só para nos tornar a tirar.

A beleza do paraíso, que à distância admiramos, desaparece logo que nos deixamos seduzir.

A felicidade está no futuro, ou no passado; o presente é uma pequena nuvem escura que o vento impele sobre a planície cheia de sol. Diante e atrás dela, tudo é luminoso; só a nuvem é que projeta uma sombra.

A Vida na Paz e na Guerra, e sua Finalidade

A vida nunca se apresenta como um mimo que nos é dado gozar, mas sim como uma tarefa que tem de se cumprir à força de trabalho; disto nasce e toma origem uma concorrência sem tréguas, uma luta sem fim, uma miséria geral, uma agitação em que tomam parte todas as forças do espírito e do corpo.

Milhões de homens, reunidos em nações, trabalham para o bem público, trabalhando assim cada um em seu próprio interesse, porém as vítimas deste trabalho morrem aos milhares. Às vezes, por preconceitos absurdos, outras, por uma política sutil, as nações se aniquilam numa guerra. É preciso que o sangue do povo corra em abundância para expiar a culpa de alguns, ou para realizar os caprichos de outros.

Enquanto reina a paz no mundo, a indústria e o comércio prosperam, as invenções se multiplicam, os navios sulcam os mares, transportando para toda parte produtos do mundo, as ondas tragam milhares de homens. O tumulto é imenso, enquanto uns se agitam e movem, outros meditam.

Mas qual é a suprema finalidade de tantos esforços? Manter, no caso mais favorável, a vida de seres efêmeros em uma miséria suportável, e uma ausência relativa de dor que o tédio aceita constantemente, e ademais a reprodução desses seres, e a renovação de seus esforços.

Em Defesa do Homem

De todos os seres, o homem é o mais necessitado: só tem vontades e desejos, um conjunto de centenas de necessidades. Abandonado a si próprio, vive na terra sem segurança nenhuma a não ser sua miséria. A luta pela vida, cada dia renovada, a necessidade que o constrange, e as imperiosas exigências materiais, preenchem a sua existência.

Ao mesmo tempo, outro instinto o atormenta; o de perpetuar a sua raça.

Ameaçado por todos os lados dos perigos que o rodeiam, usa de uma prudência sempre vigilante para poder escapar. Com passo inquieto, lançando em volta olhares angustiosos, segue o seu caminho em luta constante com os casos e com seus inúmeros inimigos. O homem não se sente seguro entre os da sua raça e nem nos mais longínquos desertos.

*Qualibus in tenebris vitae, quantisque periculis degitur hocc 'aevi,
quodcunque est!*

Lucr. 11, 15.

Trabalhar ou Aborrecer-se

A necessidade imperiosa do homem é assegurar a existência, e feito isto, já sabe o que fazer. Portanto, depois disso, o homem se esforça para aliviar o peso da vida, tomá-la agradável e menos sensível: "matar o tempo", isto é, fugir ao aborrecimento.

Livres da preocupação de assegurar a existência, e livres seus ombros de todo fardo moral ou material, eles mesmos constituem sua própria carga, e sentem-se felizes porque viveram uma hora desapercibida, embora isto signifique que sua vida, a qual se esforçam com tanto zelo para prolongá-la, ficou encurtada pelo mesmo espaço de tempo. O aborrecimento merece tê-lo em conta; ele se reflete na fisionomia.

O aborrecimento é a origem do instinto social, porque fez com que os homens, que pouco se amam, se procurem e se relacionem. O Estado considera-o como uma calamidade pública, e por prudência toma medidas para o combater.

O aborrecimento como o seu extremo oposto, a fome, pode impelir o homem aos maiores desvarios; o povo precisa *panem et circenses*.

Fundado na solidão e na inatividade, o rude sistema penitenciário de Filadélfia fez do aborrecimento um instrumento de suplício tão terrível, que mais de um condenado tem-se suicidado para fugir a ele.

A miséria é sofrimento pungente do povo; o desgosto é para os favorecidos. Na vida civil, o domingo significa o tédio, e os seis dias, o desgosto.

A Felicidade E Um Sonho

Sentimos a dor, mas não a ausência da dor; sentimos a inquietação mas não a ausência; o temor, mas não a tranquilidade. Sentimos o desejo e a aspiração, como sentimos a sede e a fome; mas, apenas satisfeitos, se acabam, como o bocado que, uma vez engolido, já não existe para o nosso paladar.

Enquanto possuímos os três maiores bens da vida, saúde, mocidade e

liberdade, não temos consciência deles, e só com a perda deles é que os apreciamos, porque são bens negativos. Somente os dias de tristeza é que nos fazem recordar as horas felizes da vida passada.

À medida que os prazeres aumentam, nossa sensibilidade diminui; o hábito já não é um prazer.

As horas passam lentamente quando estamos tristes; correm rapidamente quando são agradáveis; porque a dor é positiva e fez sentir sua presença.

O aborrecimento nos dá a noção do tempo e a distração nos fez esquecer. Isto prova que a nossa existência é mais feliz quando menos a sentimos: de onde se deduz que mais feliz seríamos se nos livrássemos dela.

Uma grande alegria, assim não a julgaríamos se ela não viesse atrás de uma grande dor. Não podemos atingir um estado de alegria serena e duradoura. Esta é a razão por que os poetas são obrigados a rodear seus protagonistas de tristes ou perigosas circunstâncias, para no fim os livrar delas. No drama e na poesia épica, o herói sofre mil torturas: nos romances os heróis lutam pondo em relevo os tormentos do coração humano.

"A felicidade não passa de um sonho — dizia Voltaire, tão favorecido pelo destino! — a única realidade é a dor".

E acrescenta: "Há oitenta anos que a experimento e nada faço senão resignar-me e dizer a mim mesmo que as moscas nasceram para serem comidas pelas aranhas, e os homens para serem devorados pelos desgostos".

O Eterno Estribilho

Vista exteriormente assombra a insignificância da vida da maioria dos homens, vista interiormente é sinistra e lúgubre. Formada por inúmeras dores e aspirações impossíveis, o homem passa sonhando pela meninice, mocidade, virilidade e velhice, rodeado de ideias banais.

Os homens assemelham-se a relógios que não sabem por que andam: cada vez que um novo ser nasce, dá-se corda no relógio da vida humana para seguir repetindo o eterno e gasto estribilho de uma caixa de música, frase por frase, compasso por compasso, com pequenas variações.

Joguetes da Natureza

O homem, cada um dos homens, é um sonho a mais, um sonho fugaz criado pela tenaz e constante vontade de viver, imagem efêmera que o espírito infinito da natureza desenha na página do tempo e do espaço; impressa nela alguns instantes logo se desfaz para dar lugar a muitas outras.

O mais triste, o ponto que nos deve fazer pensar profundamente, é que a

vontade de viver há de pagar cada uma dessas imagens efêmeras e caprichosas com o preço de dores profundas e inúmeras, e da morte por longos anos.

Eis por que nos tornamos repentinamente sérios perante um cadáver.

O Teatro e os Artistas

O mundo é um vasto campo de batalha onde os seres somente devorando-se uns aos outros conseguem conservar e defender a vida; onde todo animal carnívoro é o túmulo vivo de tantos outros; onde o viver significa sofrer longos tormentos; onde a capacidade para a dor aumenta na proporção da inteligência, e atinge, portanto, no homem o mais elevado grau.

Os otimistas quiseram adaptar o mundo ao seu sistema, e apresentá-lo "a priori" como o melhor dos mundos possíveis. O absurdo é evidente.

Dizem-me para abrir os olhos e contemplar a beleza do céu iluminado pelo sol, as montanhas, os vales, as torrentes, as plantas, os animais, que sei eu! Acaso será o mundo uma lanterna mágica?

A contemplação é bela, confesso, mas aí representar, é coisa completamente diferente.

Após o otimista surge o homem que nos feia das causas finais, e elogia as sábias leis que preservam os astros de se chocarem no seu percurso; que evitam o mar e a terra de se confundirem, e os mantêm separados; que fez com que nem o frio nem o calor sejam eternos, e que, pela inclinação da eclíptica, não permite a primavera ser eterna podendo assim amadurecer os frutos, etc. Mas tudo isso não são mais que simples *cotiditiones sine quibus non*. Porque se os planetas devem ter uma existência mais longa, embora seja o período que demora em chegar a eles a luz de uma estrela longínqua, e se não desaparecem após o nascimento, era preciso que as coisas estivessem mal arquitetadas, para que a base fundamental ameaçasse ruína. Chegamos aos resultados desta obra tão elogiada, e observamos os atores que se movimentaram nesta, tão sábia e solidamente construída. Vemos que a dor aparece juntamente com a sensibilidade, e à medida que esta se torna inteligente, a dor e o desejo caminham par a par, e o primeiro chega a tal desenvolvimento que, finalmente, a vida do homem nada mais é que um assunto trágico ou cômico.

A sinceridade de certos homens não lhes permite a união ao coro dos otimistas, e com eles entoar a aleluia.

A Vida É Um Pesado Gracejo

Se considerarmos a vida objetivamente, é duvidoso que ela seja preferível ao nada. Atrever-me-ia até a dizer que se a reflexão e a experiência pudessem fazer um acordo, elevariam a voz em favor do nada. Se batêssemos nas pedras dos sepulcros e perguntássemos aos mortos se querem ressuscitar, moveriam negativamente a cabeça.

É esta a opinião de Sócrates na apologia de Platão.

O alegre e feliz Voltaire dizia: "Amamos a vida, porém o nada não deixa de ter o seu lado bom". Em outra parte dizia:

"Ignoro o que seja a vida eterna, mas esta é um pesado gracejo".

De Ontem a Hoje

A juventude é uma infatigável aspiração de felicidade; a velhice, pelo contrário, é dominada por um vago e persistente sentimento de dor, porque já estamos nos convencendo que a felicidade é uma ilusão, que só o sofrimento é real. Por isso, o homem sensato deseja mais sofrer que gozar.

Em plena juventude, quando eu ouvia bater à porta, saltava de alegria, e pensava: "Bom! Alguma coisa sucede". Mais tarde, experimentado pela vida, o mesmo ruído sobressaltava-me de angústias, e pensava: "Que sucederá, meu Deus?..."

A Dura Jornada

Na velhice ao perder os sonhos da sua juventude todo homem que estudou a história do passado e a da sua época, e recolheu o fruto da sua experiência e da alheia, se não estiver com o espírito perturbado por preconceitos muito arraigados, chegará à conclusão de que este mundo é o reino do acaso e do erro, que é governado a seu modo sem compaixão alguma, auxiliados pela maldade e pela loucura, que ao homem empolgam constantemente.

Mil trabalhos e esforços é preciso para impor uma ideia nobre, porque dificilmente encontra uma oportunidade de apresentar-se, enquanto que a vulgaridade artística, os sofismas, a malícia e a astúcia reinam de geração em geração, aqui e alhures sem serem interrompidos.

Uma ideia elevada, uma obra excelente é sempre algo excepcional, imprevisto, isolado e estranho como um aerólito, produzido por uma série de fatos diversos daqueles que não são nossos.

A história de toda e qualquer existência é sempre a história de um sofrimento, porque toda jornada é uma série ininterrupta de revezes e de desgostos. Todos nós fazemos empenho em os ocultar, porque sabemos que em vez de inspirar aos outros simpatia ou piedade, causa-lhes regozijo, pois pensam, no momento que se livraram de tais desgostos.

Todo homem sincero e pensativo, que se acha no fim da existência, deseja antes a morte que o reinício da dura jornada.

A Devastadora Ação do Tempo

Tudo foge, passa e se desfez na vida: não há dor infinita, nem alegria eterna, nem entusiasmo duradouro, nem impressão permanente, nem pensamento nobre que não desapareça como tudo, arrastado e dissolvido na torrente dos anos.

Os minutos unem-se aos inumeráveis átomos e fragmentos de cada uma de nossas ações, e vão corroendo, devastando tudo o que há de grande e belo em nossa vida.

O Ultimo Sonho

A medida que envelhecemos, as paixões e os desejos extinguem-se sucessivamente, e o objeto dessas paixões toma-se indiferente; a sensibilidade se embota, a imaginação enfraquece, as imagens perdem o brilho, as comoções são menos intensas e passam sem deixar vestígios em nosso espírito, os acontecimentos perdem o seu valor, as horas correm com mais rapidez, e tudo empalidece. Acabrunhado pelos anos, o homem vegeta num canto, ou passeia perplexo, não sendo mais que a sombra, o espectro do seu passado. Quando chega a morte, que fica para destruir? Um dia a sonolência fez-se mais pesada, e chega inesperadamente ao último sono, esse sono do qual Hamlet se inquietava em seu famoso monólogo...

A Arte

Refletindo sobre a essência da música, creio que esta arte nos proporciona o gozo mais esquisito.

SCHOPENHAUER

Quinta-Essência da Música

A vontade, essência íntima exprimida pela música; nunca o fenômeno uma alegria determinada, certa tristeza definida, certa dor, certo prazer, certo espanto ou deleite, certa serenidade de espírito, senão a serenidade do espírito, o deleite, o espanto, o prazer, a dor, a tristeza, a própria alegria; exprime-lhes a essência abstrata e geral, fora de qualquer motivo ou circunstância.

Entretanto, compreendemos sua abstrata quinta-essência.

A Inspiração da Música

É obra do gênio a invenção da melodia, a descoberta dos segredos mais íntimos da sensibilidade e da vontade. Sua ação é aqui mais visível que em qualquer outro assunto, mais livre de toda intenção e menos consciente: é uma inspiração. Como em toda arte, na música é útil o conhecimento anterior do abstrato e do positivo.

O compositor exprime, numa linguagem que desconhece, a quinta-essência do mundo e a mais profunda sabedoria: uma sonâmbula fala acertadamente a respeito de muitos assuntos, ao despertar, desconhece tudo.

Nosso Intérprete Espiritual

O que de inefável há na música, o que nela nos eleva a um paraíso acessível, que compreendemos sem poder explicar, é que interpreta as nossas mais íntimas aspirações e nossas mais profundas agitações fora de toda realidade, e, por conseguinte, sem causar-nos sofrimento.

A Música de Dança

As frases de andamento rápido da música de dança, dir-se-ia que nos falam de uma felicidade comum, fácil de atingir, enquanto que o *allegro maestoso* com as suas grandes frases parece exprimir um esforço grande e nobre, dirigido para um fim distante que conseguimos enfim atingir.

O *adágio* fala-nos de um sofrimento que despreza toda a alegria. É maravilhoso que nos produz o bemol e o sustenido.

A mudança de um meio tom ou de um tom causa-nos também uma impressão de tristeza, de angústia, da qual o sustenido logo nos alivia, mas surpreende-nos menos que a mudança de um meio tom. O *adágio* em bemol atinge uma expressão de dor dilacerante no seu mais alto grau.

Em bemol a música de dança exprime o desejo de uma finalidade inferior, um contentamento ordinário que deve ser desprezado, obtida enfim depois de tantos trabalhos e doenças.

Ouvindo Uma Sinfonia de Beethoven

Acabada e fiel reprodução do mundo, que gira no espaço sem pressa e sem repouso, numa confusão de formas inumeráveis, que se dissipam continuamente, assim parece-nos uma sinfonia de Beethoven, mostrando-nos sob a desordem aparente uma ordem maravilhosa.

Poderíamos dizer que ela aparenta uma luta implacável, que pouco depois termina num maravilhoso acorde: *rerum concordia discors*.

Com infinitos matizes, mas abstratamente, sem nenhuma diferença entre si, cantam na sinfonia todas as paixões que agitam o coração humano: alegria, tristeza, amor, ódio, medo, esperança e ilusões: é uma figura imaterial como espíritos imaginários.

Impressão

Ao ouvir música penso na ideia de que minha vida e a de todos os homens não são mais do que o sonho de uma alma eterna, bons sonhos e tristes pesadelos, dos quais somos despertados pela morte.

A Música Eleva o Espírito

A música é como um banho para o espírito; purifica de toda a mancha, de tudo que é mesquinho e mau; eleva e nos põe em relevo com os maiores pensamentos, fazendo-nos compreender o que valemos, isto é, o quanto poderíamos valer.

Sustenidos e Bemóis

A música tem duas tonalidades, o bemol e o sustenido, assim como há em nós duas disposições sentimentais, a alegria e a tristeza; mas é maravilhoso que na música haja um sinal, o bemol, que exprime a dor de um modo inconfundível, que não é doloroso, nem fisicamente, nem por convenção. Por este fato avalia-se de como a música penetra profundamente na natureza íntima do homem.

Entre os povos nórdicos, onde a vida é dura e miserável, é o bemol que domina até na música sagrada.

Na música francesa é frequente o *adágio* em bemol, cujo efeito se compara com a dança de um bailarino com sapatos muito apertados.

O Prazer Mais Esquisito

Refleti longamente sobre a essência da música, e creio que o gozo mais esquisito é o que esta arte nos proporciona.

A Vida Vulgar na Pintura

Através de tudo e em tudo se expõe minuciosamente, de certa forma, o conceito de humanidade. Por isso não há homem nem ação que não tenha a sua importância. Não há momento na vida que seja indigno de ser reproduzido pela pintura. É pois uma injustiça louvar somente a técnica dos grandes pintores da escola holandesa, e falar com desprezo dos demais, porque reproduzem, em lugar de assuntos históricos ou religiosos, e aos quais dá-se valor, fatos da vida vulgar. Deveríamos ter em conta que o resultado de um ato carece de relação alguma com a sua importância exterior e que muitas vezes é grande a diferença entre ambos.

Com efeito, a importância exterior se avalia pelas consequências para o mundo real e no mundo real, e a importância interior, projetando uma forte claridade em certos pontos que frequentemente nos passam despercebidos, ou dispondo certas circunstâncias favoráveis em que as particularidades se exprimem e desenvolvem, nos abre uma ampla e profunda perspectiva sobre a própria essência do homem.

A importância exterior das ações tem valor para a História; o interior para a arte. Podem encontrar-se separadas ou reunidas, mas ambas são entre si independentes. Um pequeno ato banal, considerado em si mesmo, pode ser de grande transcendência histórica, e da mesma maneira, uma cena da vida cotidiana pode ter um grande interesse ideal, se apresenta em plena luz seres humanos, atos e desejos humanos até os mais ocultos recônditos. Pouco importam a finalidade e consequência do ato, e é indiferente, por exemplo, que o artista represente uma reunião de ministros que, inclinados sobre um mapa, traçam planos de conquista, ou pinte camponeses discutindo numa taberna a propósito de um jogo de dados. O mesmo é jogar xadrez com peões de ouro ou de madeira.

A Arte, Espelho da Vida

O poeta dramático ou épico não deve esquecer de que ele representa o destino e sendo este deve ser impiedoso. Ela é ao mesmo tempo o espelho da humanidade e, portanto, tem de criar tipos maus e por vezes infames, loucos, tolos, entes vulgares; de vez em quando um tipo sensato, prudente e bom; e com rara exceção um personagem

de caráter nobre e generoso. Não creio que haja em toda a obra de Homero um tipo verdadeiramente generoso, embora se encontrem alguns bons e honrados; em toda a obra de Shakespeare achamos dois: Cordélia e Coriolano, os quais na sua generosidade nada têm de sublime. Seria difícil citar mais algum, ao passo que os outros tipos são em quantidade. Há um excesso de nobreza em *Minna de Bernhelm* de Lessing; o marquês de Pesa, do *Don Carlos* de Schiller, é de uma generosidade tão inverossímil que todos os heróis de Goethe reunidos não o igualariam.

O Poeta Não Pode Ser “Isto” ou “Aquilo”

O fim da poesia lírica é apoderar-se da inspiração no seu voo e dar-lhe um corpo nos versos. Toda a humanidade nos seus mais íntimos mistérios se reflete no verdadeiro poeta lírico, com todos os sentimentos que milhões de gerações passadas, presentes e futuras sentiram e hão de sentir; tudo o que a natureza criou e tudo o que comove o coração humano, tudo o que vive e vibra num ser mortal encontra na poesia a sua expressão.

Por isso pode o poeta cantar tão bem a voluptuosidade e o misticismo, e pode ser Anacreante ou Angelus Silésius, escrever tragédias ou comédias, e, segundo a fantasia ou a vocação, criar tipos cheios de nobreza ou de baixos sentimentos.

Sendo o poeta o espelho da humanidade, no qual se reflete a imagem fiel dos sentimentos dela, ninguém poderia, com razão, exigir que o poeta fosse nobre, elevado, piedoso e cristão; ser isto ou deixar de ser aquilo.

A Dor É a Musa

É um fato notável e digno de atenção que o objeto de toda a alta poesia seja o sombrio estado da natureza humana, a dor limitada, o triunfo da maldade, a derrota dos justos e dos inocentes, a inquietação do homem, a influência do imprevisto.

Os personagens mais ilustres, nas tragédias, depois dos longos combates e das mais cruéis dores, retiram-se voluntariamente de todos os gozos da vida, ou renunciam para sempre ao fim tão desejado e perseguido; o príncipe Segismundo, de Calderón de la Barca; Margarida, em “Fausto”; Hamlet, a quem o fiel Horácio seguiria da melhor vontade, se não tomasse a decisão de narrar a vida do príncipe e santificar a sua memória; e assim também Joana D’Arc, e a noiva de Messine: todos morreram purificados pelo sofrimento, isto é, depois de neles se ter extinguido a vontade de viver.

As culpas que expia o herói na tragédia, não são as dele, e interpretadas no verdadeiro sentido, são as faltas hereditárias, isto é, o crime de existir.

Pues el delito mayor Del hombre, es haber nacido.

Inquietações e Desejos

A origem do desejo está numa necessidade, em uma amargura ou em uma privação. Uma vez satisfeito, se acaba, porém, por um que se satisfaça, quantos permanecem insaciados.

Demais, o desejo dura muito tempo, e mesmo esse prazer uma vez obtido é mais aparente que real; outro desejo sucede, o primeiro já é uma ilusão desfeita, e o segundo uma ilusão que dura ainda. O desejo dura muito tempo, e as exigências são infinitas para um gozo tão curto.

Nada pode acalmar nem fixar nossos desejos; o mais que se pode conseguir parece sempre uma esmola dada a um mendigo, que só vive hoje para amanhã prosseguir o seu sofrimento.

Não há felicidade duradoura, e nem paz para nós, escravos dos desejos: sob o poder de seus caprichos, crentes nas ilusões que vemos dissipar-se, e aos mil receios que nos perseguem, nas inquietações que nos assaltam, fugindo ante qualquer ameaça, agitados pela apreensão ou expectativa; no fundo é a mesma coisa. Nossos desejos e o que eles de nós exigem, inquietam nossa vida e nos atormentam constantemente.

Dominado por seus desejos, o homem está continuamente preso à roda de Ixion, enche sempre o tonel das Danaides, é o Tântalo devorado de eterna sede.

Mas quando uma causa estranha, ou a nossa harmonia interior nos arrebatam à torrente infinita do desejo, livra-nos o espírito da opressão da vontade, desvia-nos a atenção de tudo que a solicita; é então que admiramos tudo sem interesse ou cobiça.

É então que aparece este repouso e nos dá o sentimento de paz em toda a sua plenitude.

Epicuro celebrava esse estado como o maior de todos os bens e o comparava à felicidade dos deuses; porque, não sentindo já a pressão da vontade, celebramos o Sabat depois de ter sofrido os trabalhos forçados que a vontade nos impôs, e a roda de Ixion pára. Pouco importa ver o pôr do sol da janela de um palácio, ou através das grades de uma prisão.

A superioridade da ideia pura sobre o desejo pode se manifestar em todo o lugar, e quem nos dá a prova são os grandes pintores da escola holandesa, porque souberam dar vida aos mais insignificantes objetos, com tanto vigor que o espectador ao observá-los pensa no estado sereno e tranquilo do artista que lhe permitiu essa solicitude. A impressão é tão forte que, observando-nos a nós mesmos, ficamos admirados do contraste dessas pinturas, tão calmas como os nossos sentimentos sempre turvados pela agitação dos desejos e obscurecidos pelas inquietações.

Da Pintura ao Natural

Contemplando exteriormente e com desinteresse qualquer homem, ou qualquer

cena da vida, e reproduzindo-os por intermédio da pena ou do pincel, parecem dignos de inveja e possuídos de um encanto indefinível; mas se nos encontrássemos na mesma situação, oh! então, como muitas vezes se diz, só o diabo a poderia sustentar. Assim o disse Goethe:

Agrada-nos na pintura o que na vida nos desgosta.

Na minha juventude, para melhor os aproveitar, gostava de representar meus atos como se proviessem de outra pessoa.

As coisas têm o seu atrativo, quando elas não nos atingem. A vida não é bela, somente os quadros que da vida nos pintam são belos, iluminados pela luz da poesia, principalmente quando somos jovens e ignoramos o que é viver.

A Moralidade da Tragédia e da Comédia

O objetivo da tragédia é inclinar-nos à resignação, à renúncia da vontade de viver; a comédia, pelo contrário, nos incita a viver e nos entusiasma.

É certo, porém, como todo espetáculo da vida humana, nos apresenta os males que o desgostam, mas fazendo-nos crer que são males passageiros, que acabam por desaparecer numa alegria, como um misto de vitórias e de esperanças que finalmente triunfam; além disso fez sobressair o que há de cômico e divertido nas infinitas contrariedades da vida, e para que possamos preservar o bom-humor. O que concluímos da comédia é que a vida considerada no seu conjunto é boa, sobretudo agradável e muito divertida. É preciso, bem entendido, deixar cair o pano logo sobre o final alegre, para que não se possa ver o que sucede em seguida; enquanto que a tragédia em geral acaba de tal modo que nada mais pode acontecer.

Máximas e Pensamentos

Em todas as controvérsias sobre o fundamento teórico da moral, olvida-se muito que a teoria desta é superior à sua prática. A humanidade, guiada pelo seu instinto de conservação à tendência à evolução, ao aperfeiçoamento, é somente um de seus aspectos; tem elaborado vagarosamente uma moral empírica e extemporânea, construindo os sistemas éticos.

MAX NORDAU

A Piedade, o Que Há de Mais Sublime

A existência da consciência do homem, se fez provar pelo princípio real da caridade e da justiça, que é a piedade; não depende de ideias “a priori”, de noções anteriores, religiões, dogmas, educação e cultura; resiste aos ataques, distingue-se através dos tempos, em todas as raças; tanta certeza há de que existe em nossos corações, que todos a invocam com esperança; é um produto livre e inalienável da natureza.

A Piedade, Irmã

A piedade é um feto milagroso, pelo qual vemos a linha da demarcação, separando um ser de outro, fazendo o “não eu” tomar-se de algum modo o “eu”.

Humano, Sinônimo de Piedoso

A humanidade desconhece o homem sem piedade. A palavra “humano”, emprega-se muitas vezes como sinônimo de piedoso.

O Ato e a Intenção

Os dogmas, os exemplos e os hábitos, podem modificar o proceder de um indivíduo e de um povo. O que dá importância moral aos atos dos homens ou dos povos, é a disposição de espírito que tais atos concebe, e não estes em si mesmos. De dois homens infames, um pode morrer no cadafalso, e o outro fechar docemente os olhos rodeado de todos os seus. No fundo, existe o mesmo grau de maldade em um povo que se entrega à morte e à selvageria, como naquele onde reinam as intrigas da corte, a opressão e a astúcia política.

Embora imaginássemos um Estado perfeito, e embora um dogma religioso

tivesse poder sobre os homens pelas recompensas ou castigos que lhes promettesse no outro mundo, dogma e Estado não fariam mais que impedir o crime; politicamente seria muito, mas moralmente não teria importância alguma, porque a ação seria impedida, mas não o desejo de realizar. Os atos poderiam ser corretos, mas a vontade permaneceria pervertida.

A Boa Ação Imoral

Pode-se objetar a toda a boa ação que se realiza sob o impulso de um dogma religioso, que não é desinteressada posto proceda da esperança de uma recompensa ou do medo de um castigo; enfim, que não é moralmente pura.

A Falsa Consciência

Não podemos duvidar de que a consciência tem sua origem na natureza; pelo menos, há que reconhecer que também existe uma consciência falsa, *conscientia spuria*, que se confunde, às vezes, com a verdadeira.

Escrúpulos, Não Remorsos

Às vezes experimentamos escrúpulos que podem ser confundidos com o remorso, quando observamos certas regras convencionais e até ridículas; por exemplo: um judeu pode senti-los por ter fumado em sua casa no sábado, violando o preconceito de Moisés, capítulo XXXV, versículo 3, que diz: “No dia de sábado, não acendereis o lume em vossas casas”; um fidalgo ou um oficial não se consola por haver faltado às regras desse código dos insensatos, chamado ponto de honra, e não retrocederá ante a ideia de dar um tiro nos miolos; conheço exemplos.

Todavia, esse mesmo homem violará todos os dias seus compromissos, contanto que não tenha pronunciado este termo fatídico: “Por minha honra”!

Geralmente, tudo o que é contrário aos nossos projetos, às nossas opiniões e gostos, e mesmo um esquecimento, uma grosseria ou uma indiscrição, deixam-nos depois um mal-estar que vai se produzindo lentamente, e pode assemelhar-se a um remorso.

O Temor e o Arrependimento São Confundíveis

O arrependimento e o temor causados pelos nossos atos frequentemente não são mais que a manifestação do receio das consequências.

A Consciência, Artigo de Luxo

Muita gente se espantaria se visse os elementos que formam tão propalada

consciência; são estes: temores de ordem humana, medo dos homens, 1/5; temores religiosos, 1/5; de vaidade, 1/5; de preconceitos, 1/5; de hábito, 1/5.

Tanto valeria dizer como o inglês: *I cannot afford to keep a conscience*. Quer dizer, não sou bastante rico para permitir-me o luxo de uma consciência.

Apenas Uma Figura Retórica

Para mostrar descritivamente numa hipérbole a enormidade do egoísmo humano, cheguei a isto: “Muita gente seria capaz de matar um homem para untar as botas com a gordura do morto”. E depois surpreendeu-me um escrúpulo; será uma hipérbole?

A Cortesia, Máscara do Egoísmo

O egoísmo é tal, que inventamos uma coisa vergonhosa para ocultá-lo, a cortesia. Mas apesar do empenho que fazemos para o esconder, atraíça-nos, e se revela quando travamos relação com uma pessoa dos nossos inúmeros projetos.

Nosso primeiro pensamento é saber a utilidade que nos tem uma pessoa; se é inútil, perde completamente o valor. Esta ideia faz-nos pensar também que os outros esperam de nós a mesma utilidade, e por isso perdemos a confiança no conselho que nos dão, suspeitando que o interesse o haja ditado, porque imediatamente compreendemos que nosso conselheiro quer servir-se de nós como de um instrumento para suas intenções secretas; isto é, damos menos importância à sua prudência que ao seu egoísmo.

A Vingança

A cólera, embora justificada, acalma-se logo perante a ideia de que aquele que nos provocou é um desgraçado. Assim como a água apaga o fogo, a piedade extingue a cólera.

Rara não sentir remorsos, quando pensar vingar-se cruelmente da pessoa que o injuriou ou maltratou, imagine por um momento a sua vingança já realizada, e figure com as mais vivas cores as suas consequências, vendo sua vítima presa de sofrimentos físicos e morais, e ante este espetáculo diga: “Eu fiz isto”.

Este pensamento será, talvez, o único que possa extinguir a cólera.

A Filosofia Védica e o Misticismo Cristão

Nos Vedas, nos Puranas, em suas poesias e em suas fábulas, nas lendas dos santos, nas suas sentenças e regras de vida, exprimem os hindus sua moral, recomendando o amor ao próximo, não só limitado aos homens mas a todos os seres vivos; o absoluto desprezo de si mesmo; a caridade levada até à renúncia de salário,

ganho com o suor do rosto; a humildade para quem nos ofende; devolver o bem pelo mal, o amor pelo ódio, por maior que seja; conceder o perdão espontaneamente para toda a injúria; a abstinência de carne e de todo alimento animal; uma castidade absoluta e a renúncia a todas as voluptuosidades para quem aspira à verdadeira santidade; o desprezo pelas riquezas; o abandono da moradia; o abandono de toda propriedade; a vida em solidão completa, dedicada à meditação; a imposição de penas e castigos voluntários, lentos e horríveis, chegando às vezes a ponto de morrer de fome, precipitar-se de um abismo, ser comido pelos crocodilos, lançar-se debaixo das rodas do gigantesco carro que passeia as imagens dos deuses, entre aclamações e cantos de uma multidão fanatizada...

Por muito degenerado que se encontre hoje este povo, estes preceitos são seguidos no maior rigor, não obstante datar de quatro mil anos, e isto nos faz pensar que, sendo uma religião praticada entre milhões de homens, e exigindo tantos sacrifícios pesados, não pode ser obra de um espírito alucinado, devem ter raízes profundas na própria essência da humanidade.

Ao compararmos a vida de um peregrino cristão com a de um santo hindu, percebemos a completa igualdade de sentimentos que existem em ambas. Apesar da diferença de costumes do ambiente e dos dogmas, a vida de Francisco de Assis com a de Cakia Muni, ver-se-á como ambos renunciaram à riqueza, e fundaram ordens religiosas.

Entre os cristãos místicos e os mestres de filosofia védica resta ainda um ponto de contato: ambos consideram que aquele que deseja atingir a perfeição deve considerar como inúteis os exercícios religiosos e atos exteriores.

É uma prova de que não se trata aqui de uma aberração, dum desequilíbrio do espírito e dos sentidos, mas de um perfeito acordo entre povos tão diferentes.

O Véu de Maya

Quando, a ponta do véu de Maya, a ilusão da vida individual, se ergue ante os olhos de um homem, cessam as egoísticas diferenças que o separam de seus semelhantes, e sente tanto interesse pelos sofrimentos estranhos como pelos seus próprios, pronto sempre a sacrificar-se por eles, chegando a considerar-se parte da vida de todos os seres, e a ter o dever de participar de sua dor.

O sofrimento que vê, e tão raramente lhe é dado suavizar, todas as angústias de que ouve falar, inclusive as que não compreende, sente-as como se fosse ele a vítima.

Rompendo os véus de Maya, e livre de todo o egoísmo, permanece insensível ao bem e ao mal que compõem o seu destino; tudo quanto vive e padece reflete-se em seu coração. Contempla o conjunto das coisas, sua eterna carreira e sua essência, os esforços vãos, os combates íntimos, e os suplícios sem fim. Para qualquer lado que se volte vê o sofrimento do homem, e do animal, e um mundo que continuamente, eternamente se desvanece, e se apega às suas dores, às dores do mundo, como o

egoísta à sua pessoa. Com tão grande conhecimento do mundo, ser-lhe-ia impossível apegar-se mais à vida e afirmar a vontade de viver.

O homem, escravo do egoísmo, só vê aquilo que o toca pessoalmente, e do qual pode sempre extrair aquilo que desejar; mas quem, como antes dissemos, contempla as coisas em seu conjunto, em sua eterna carreira e essência, vê-se livre de todo desejo, sua vontade desvia-se da vida, e repele os prazeres que a fazem perpétua.

O homem chega então ao estado de resignação, de renúncia voluntária, da absoluta falta de vontade, da paz e do repouso verdadeiro.

Como Somos Donos de Nós Mesmos

Embora os princípios filosóficos e a razão abstrata não sejam a origem primitiva ou o primeiro fundamento da moralidade, são contudo necessários à vida moral; é como um reservatório alimentado pela fonte da moralidade, mas mesmo sem jorrar pode em qualquer momento ser útil.

Se nossos princípios não fossem firmes, seríamos dominados pelos instintos morais e antimorais, quando postos em liberdade pelas expressões exteriores.

Manter-nos fiéis aos nossos princípios e resistir às solicitações opostas, é sermos senhores de nós mesmos.

Piedade dos Pais

O que fez com que os pais tenham geralmente predileção pelos filhos doentes, é que a sua aparência inspira piedade.

A Resignação, Supremo Bálsamo

O homem tendo renunciado a tudo, embora seja qual for o seu desenlace, e privado exteriormente de toda alegria e de todo o bem, goza sobretudo de uma aventura e paz verdadeiramente celestiais; quanto ao mau, ao egoísta, sente-se preso pelos próprios desejos e tormentos íntimos, restando-lhe somente o consolo do espetáculo das desgraças alheias.

Para o primeiro já não existe a inquietação, a ardente alegria de um homem que tem gosto pela vida, quando ela é precedida e seguida por tantos pesares. O que ele experimenta é uma paz imperturbável, um profundo descanso, uma íntima serenidade, um estado que não podemos ver ou imaginar sem desejá-lo com ardor porque nos parece o único, justo e superior aos demais. Um estado para o qual nos convida e chama o que há de melhor em nós e essa voz íntima que nos brada: *sapere aude*.

Um desejo realizado, toda a felicidade conquistada vencendo todas as dores humanas, são como a esmola jogada hoje aos pés do mendigo para sustentá-lo e para que amanhã torne a sofrer os horrores da fome.

A resignação é como um grande patrimônio que se herdou e que coloca o feliz possuidor ao desafio das misérias materiais da vida.

A Essência do Cristianismo

O bramanismo e o budismo, pelo espírito e pela moral, se aproximam mais do cristianismo que o judaísmo. A máxima "Deus viu todas as coisas, que havia feito, e estavam muito boas", do Antigo Testamento, não é cristianismo puro. Como é possível que Deus acreditasse ser bom o mundo que criara, se todo o Novo Testamento fala dele como de uma coisa desprezível, que não se ama e que está sob o poder de Satanás?

Esse desprezo do mundo, essa vitória sobre ele obtida, a renúncia ao seu luxo e desatinos, é que liga essencialmente o cristianismo, o budismo e o bramanismo com o amor ao próximo e o paredão das injúrias.

Na religião cristã, não nos devemos contentar com as aparências, mas sim, sondar profundamente as coisas.

A Piedade Com os Animais

A piedade dos hindus toma também os animais sob a sua proteção: as religiões europeias não dão importância a esta questão. Para nós, o animal não tem direitos, e esta teoria ocidental, bárbara e revoltante, tem sua origem no judaísmo.

É preciso dizer a esses desprezadores dos animais, a esses judaizados que assim como eles foram amamentados pelas mães também o cão teve mãe que o amamentou.

A piedade com os animais e a bondade do homem estão tão intimamente ligadas, que podemos afirmar: quem é mau para com os animais, também o será com os seus semelhantes.

A Culpa de Haver Nascido

No que se refere à eliminação do ascetismo e do celibato sacerdotal, o protestantismo cometeu uma verdadeira abjuração, pois atingiu a própria essência do cristianismo.

Vimos nos nossos dias a degeneração do protestantismo num vulgar racionalismo, cuja doutrina se resume na história dum bom pai, criando o mundo para que nele nos divertamos (no que se teria redondamente enganado); e prometendo, a quem cumpra fielmente certas prescrições, um mundo muito melhor que o terrestre, cujo único inconveniente é ter uma entrada tão funesta: é preciso morrer para viver nele.

Esta não é a verdadeira religião cristã; quando muito é boa para os pastores

protestantes porque vivem rodeados de sua esposa e filhos.

O cristianismo ensina que pelo simples fato de haver nascido, é o homem culpado, e que a alma deve aspirar à liberdade à custa dos grandes sacrifícios, pela renúncia das glórias e luxos do mundo, pelo esquecimento de si próprio, transformando completamente o coração do homem.

Piedade e Inveja

Todos têm em si a piedade e a inveja, sentimentos contrários nascem da comparação do nosso estado com o dos outros; segundo o caráter de cada um de nós, reage um sobre o outro esses sentimentos, e toma-se o que constitui a base e a essência do proceder. O obstáculo que nos afasta do próximo, se torna mais sólido ao elevarmos cada dia mais a inveja; a piedade, pelo contrário, torna-o mais frágil e leve, e acaba por derrubá-lo, desaparecendo deste modo toda a diferença entre eu e os meus semelhantes.

O Estado, Soma de Todos os Egoísmos

O egoísmo criou uma obra-prima: o Estado, total dos egoísmos de todos os homens, dotando-os dum poder superior a eles, e obrigando-os a respeitar os direitos dos outros. O Estado impede que se manifeste abertamente o excessivo egoísmo da generalidade, a maldade de muitos indivíduos e a crueldade de alguns; estas paixões permanecem na obscuridade resultando uma realidade completamente falsa. Parece que não existem, por estarem sufocadas, e prova disso é que quando a proteção que o Estado nos dispensa, deixa, por qualquer motivo, de ser eficiente, surge variada e gradativa a perfídia dos homens; e ante a avareza, a crueldade e a feroz luta dos seus apetites, ficamos aterrados como se estivéssemos à frente de um monstro, de cuja existência nem sequer suspeitamos.

Se as leis impedem que diariamente sejamos castigados por estas paixões, é porque a honra e o respeito mútuo são pelo nosso sistema de organização social.

Mas se quisermos saber o verdadeiro valor da moralidade do homem, estudemos os famosos processos e a história dos tempos da anarquia em que o Estado sofria uma forte revolta que o tomou incapaz durante certo tempo, de cumprir a sua elevada missão protetora.

Esses milhares de entes que temos à vista, obrigando-se mutuamente a viver em paz sob a proteção do Estado, são outros tantos lobos e tigres, que um forte açaimo impede de se devorarem.

Suponhamos que, por momentos, fosse a polícia suprimida e o açaimo tirado, recuaríamos de pavor ante o espetáculo que teríamos à vista.

É isto confessar quão pouco os homens se fundam na consciência, na religião e na moral. Entretanto, veremos nos homens o verdadeiro instinto moral, e se veria que

há tanta variedade na moral individual como há na inteligência.

A Piedade, Condição de Bondade

Sem piedade, não há bondade. Veja-se como esta condição sobressai ao dizer: "Este homem é virtuoso, mas desconhece a piedade"; ou, pelo contrário, "É um homem injusto e mau, porém, é muito sensível aos sofrimentos alheios".

Benefícios da Piedade

Uma piedade infinita para com todos os seres vivos, é a prenda mais preciosa de nossa moral; esta não tem necessidade de se defender com sofismas.

Podeis ter a certeza que aquele que a possui não ofenderá ninguém, nem lhe causará dano nos seus direitos; será indulgente para todos, prestará auxílio ao seu semelhante na medida de suas forças, a todos perdoará, e todos seus atos terão o cunho da justiça e do amor ao próximo.

Sentido e Espírito do Ascetismo

O sentido e o espírito da vida verdadeira do claustro e do ascetismo em geral, é sentirmo-nos merecedores duma existência mais pura que a nossa e querermos, fortificando e mantendo esta íntima crença, desprezar os vãos gozos deste mundo, esperando serenamente a morte com libertação.

Renúncia, Sacrifício, e Identidade com o Universo

Eis aqui as três disposições espirituais que se ligam estreitamente entre si; fazendo profissão de uma é atraído para a outra; quietismo, ascetismo, misticismo.

E maravilhoso ver como coincidem aqueles que em países, religiões e em diversas épocas, preparam essas doutrinas e principalmente, a certeza firme como o rochedo, com que nos tala dos frutos obtidos da sua experiência: quietismo, isto é, renúncia a todo o desejo; ascetismo, isto é, sacrifício consciente do egoísmo; misticismo, isto é, identidade do seu ser com o conjunto das coisas e o princípio do universo.

Utilidade da Desgraça

As contrariedades e desgraças da vida são necessárias para a nossa libertação, se pensando nisto invejarmos menos a felicidade do que a desgraça dos nossos semelhantes.

O Suicídio E Um Paradoxo

O suicida ama a vida, e por isso se mata; não faz mais que rebelar-se contra a situação que ela lhe oferece, não renuncia à vontade de viver, mas unicamente às condições da vida, de que destrua na sua pessoa um dos fenômenos passageiros e, destruí-lo, afirma o seu desejo de viver.

Entretanto, se mortificando a vontade tivesse aceito sua dor como expiação, esta, em vez de o levar ao suicídio, o conduziria pela renúncia à liberdade de todo sofrimento.

O Suicida, Enfermo Que Não Quer Curar-se

O suicida é um enfermo que não tem energia para deixar terminar uma operação dolorosa, que lhe dará saúde; o sofrimento suportado com coragem se converteria em uma total renúnciação.

Mas o enfermo e o suicida preferem continuar doentes.

O Nada, Resumo de Tudo

Estudando na História a vida dos santos (que sem dúvida é impossível encontrar e conhecer por sua experiência própria), é sombria a impressão que nos causa a ideia do nada, que se eleva por cima de todas as virtudes e santidades. Tememo-la como a criança teme as trevas, em vez de procurarmos escapar como os hindus o fizeram com sua ressorção no Brama, e com o Nirvana dos budistas.

Depois da anulação dos nossos desejos, da supressão e da destruição da vontade, o que resta é o nada, para aqueles que sentem o desejo de viver. Mas também para aqueles que conseguiram dominar suas paixões, ao ponto de negar-se a si próprios, que é este mundo cuja realidade nos parece evidente, com todos os seus sóis e suas vias-lácteas? Nada.

A Maior Sabedoria

Desviemos os olhos de nossos próprios preconceitos, dos nossos sentimentos mesquinhos, para fixá-los nos vencedores do mundo, naqueles cuja vontade é levada ao pleno conhecimento de que o clarão vital se apegue com a última pulsação do coração.

Veremos então a paz superior a toda razão; uma profunda serenidade cujo único reflexo no rosto, Rafael e Corrêgio souberam tão bem pintar, é um evangelho digno de crédito, uma certeza inabalável, um grande mar de calmo sentimento; só resta o conhecimento, a vontade morreu.

Que deixamos atrás? A violência das paixões, a atividade sem repouso, a contínua hesitação entre a dor e a alegria, a ilusão irrealizável que nunca se dissipa.

A Suprema Vitória

Ao contemplarmos uma obra de arte, a agitação se acalma e somos elevados acima da atmosfera terrestre, harmonizando os mais felizes momentos da vida.

Pensemos agora que não se trata de um instante, mas de toda a vida, não na contemplação de uma obra de arte mas na situação do homem que dominou seus desejos, que matou, por assim dizer, sua vontade, tanto e tão bem que seu último fulgor se extinguirá com o corpo por ele animado. E podemos deduzir a felicidade que tal homem experimenta.

Depois de rudes lutas contra si próprio, esse homem acaba por triunfar completamente, apenas existe como um ser puramente intelectual, como um espelho do mundo que nada ou ninguém consegue perturbar. Daí em diante nada há que possa causar-lhe angústia, ou agitação; porque rompeu os laços que nos unem ao mundo, e nos ligam ao desejo, ao temor, à inveja ou à cólera, formas distintas de uma mesma dor. Pode olhar para trás e sorrir tranquilo ao rever os sonhos ilusórios que comoveram e atormentaram seu coração; permanece tão sereno e indiferente como ante a máscara de carnaval, que nos perturbou o dia anterior e que no outro dia vemos sobre uma cadeira, ou como o jogador de xadrez que contempla o tabuleiro depois de terminada a partida.

A vida e as figuras passam-lhe diante dos olhos como um fenômeno passageiro, como um sonho que nos surpreende pela manhã, já meio despertos, sonho que a verdade trespassa já com os seus raios e que não consegue iludir-nos. Do mesmo modo que vamos despertando, assim a vida do homem triunfante se desvanece como um sonho, sem violência, gradualmente, em uma doce transição.

Raimundo Lúlio e Armando Rancé

Uma grande dor, uma grande desgraça, pode fazer-nos compreender, nitidamente, a inutilidade dos nossos esforços. Por isso vemos frequentemente homens que levaram uma existência agitada de paixões tumultuosas, reis, heróis, aventureiros, mudarem subitamente seu modo de viver e resignados, arrependidos, retiram-se, à solidão do claustro ou do deserto, convertendo-se em frades ou anacoretas. Este é o assunto de todas as conversões autênticas.

Citemos, como exemplo, Raimundo Lúlio que, apaixonado de uma formosa jovem, conseguiu, enfim, uma entrevista em sua casa, e quando embriagado de alegria, entra, para apertá-la em seus braços, a jovem entreabrindo o vestido, mostra-lhe um seio corroído por um horrível cancro. Raimundo Lúlio recuou horrorizado; abandonou a corte e retirou-se a um deserto, para fazer penitência.

A conversão de Rancé assemelha-se à de Raimundo Lúlio. Este, depois de consagrar a mocidade a todos os prazeres, tinha relações amorosas com uma senhora de Monbazon. Uma noite, ao entrar no quarto à hora do costume, encontra-o vazio, escuro e em completa desordem; andando às cegas tropeça em qualquer coisa que

rodou pesadamente; acendeu a luz, inclinou-se e viu a cabeça da amante separada do tronco; morrera subitamente e não conseguiram colocar seu corpo todo no caixão de chumbo que lhe haviam preparado. Desesperado pela morte de sua amante, Rancé ingressou no ano de 1663 na ordem dos Trapistas, então completamente degenerada da sua antiga disciplina. Erigindo-se depois Reformador da Ordem, elevou-a a essa grandiosa renúncia, que ainda hoje admiramos e nos enche de um sagrado horror quando visitamos um de seus conventos; através de penosas privações e dos mais duros sacrifícios revela-se a humildade desses verdadeiros monges, os quais, esgotados de jejuns, de vigílias, de orações, de trabalhos, ajoelham-se em nossa frente, pecadores do mundo, pedindo-nos a bênção.

É entre o povo mais despreocupado, mais sensual e mais alegre (será preciso dizer que se trata da França?) que essa Ordem, única entre todas, conservou-se imutável através de todas as revoluções, que não conseguiram extingui-las; deve-se atribuir sua permanência ao espírito que lhe dá ânimo. A decadência da religião não a atingiu, porque as raízes dessa ordem encontram-se nas profundidades da natureza humana, bem mais do que num dogma.

Avivemos em Nós a Piedade

Quando travarmos conhecimento com uma pessoa, não tratemos de julgar o seu valor moral nem examinar a sua inteligência, o que nos levaria a reconhecer-lhe a escassez da razão, e a maldade das intenções; isto nos despertaria ódio e desprezo. Consideremos antes seus sofrimentos, trabalhos, angústias, e então veremos como eles nos tocam de perto, inspirando-nos em lugar de ódio e desprezo, essa piedade a que o Evangelho nos convida.

O Egoísmo, Centro do Universo

O egoísmo, por natureza, é infinito; o homem deseja acima de tudo conservar sua vida livre de toda a dor e de toda a contrariedade, desejando o maior bem-estar possível e a posse de todos os prazeres existentes, que se esforça por variar incessantemente.

Qualquer barreira aos seus desejos excita-lhe a raiva ou o ódio, tornando-se seu inimigo. Desejaria gozar tudo, possuir tudo, e sua divisa não admite réplica nem dá lugar a dúvidas sobre suas intenções: "Tudo para mim, nada para os outros."

Bem sabemos qual seria a resposta do homem que tivesse que escolher entre sua própria perda e a do universo inteiro. O egoísmo é tão grande que nem o universo pode contê-lo.

Cada qual se considera o centro do mundo, e por grande que seja, relaciona os acontecimentos com o seu interesse. Se um império sucumbe, o último miserável considera o acontecimento em relação com suas ideias egoístas.

E surpreendente o contraste que o homem apresenta, pensando em primeiro lugar e sempre em si próprio, e permanecendo indiferente aos outros.

Chega a ser cômica, a convicção de tanta gente proceder como se só eles existissem na realidade, e os seus semelhantes não fossem mais que sombras e fantasmas.

A Virtude Não Se Aprende

A virtude, assim como o gênio, não se ensina. A ideia que se faz da virtude é estéril, só pode servir de instrumento como as coisas técnicas em relação à arte.

Ineficácia de Nosso Sistema Ético-Moral

Acreditar que os nossos sistemas de ética e moral possam tomar os homens bons, é tão ilusório como pensar que um livro, um sistema filosófico ou estético, uma academia ou algumas regras, possam produzir pintores, escultores, poetas e músicos; isto é, artistas...

O Estoicismo

Se é certo que o estoicismo é um escudo para o homem contra as dores do mundo, é ele também que endurece o coração tomando-o contrário à piedade. A dor passa pelo estoico sem melhorá-lo, porque não chega a ferir a sua sensibilidade.

Devemos saber que há quase sempre falsidade no estoicismo, e que só se trata de um sentimento para dissimular o seu enfado. Quando assim não acontece, na maioria dos casos provém da falta de energia, sentimento, ou imaginação necessários para sentir uma grande dor.

A “Trimurti” Humana

O homem é impulsionado por três principais sentimentos: o egoísmo, a maldade, e a piedade. O *egoísmo* não tem limites, procura somente seu próprio bem; a *maldade* alcança o grau mais alto da crueldade, e só deseja o mal de seus semelhantes; a *piedade*, que vai até à generosidade mais elevada, quer o bem alheio.

Todos os pensamentos e ações do homem dependem de um destes três sentimentos, ou mesmo de dois.

A Chama Purificadora da Dor

Raro é o bom que, tendo piedade e bondade para com todos os seres humanos, consiga compreender a ilusão do *principium individuationis*; chegam a reconhecer os sofrimentos alheios como os seus próprios, para obterem a negação da vontade.

Mesmo no qual mais se aproxima do grau superior da perfeição, encontra sempre um obstáculo nas tentações que o mundo lhe apresenta sob mil aspectos, e por isso personificaram em infatigáveis demônios as tentadoras seduções que a cada momento nos empolgam.

Tem, portanto, a nossa vontade, que ser quebrada por um grande sofrimento, antes que chegue à renúncia de si própria. Depois de ter percorrido todos os graus do calvário humano, quando a situação se toma mais angustiosa, e, esgotada a resistência, toca o abismo do desespero, o homem volta subitamente a si, compreende-se e compreende o mundo, eleva-se acima de todo o sofrimento; então santificado e purificado seu espírito numa serenidade que nada pode perturbar, renuncia a todas as suas paixões, e recebe a morte sorrindo.

O mais cruel criminoso pode ter a alma purificada ao sentir uma grande dor. Um tocante exemplo da negação da vontade é o que Goethe nos oferece no comovedor episódio de Margarida; a negação da vontade nasce aqui não do puro conhecimento das dores humanas, mas de uma grande dor que acabrunha e mata.

O Direito à Felicidade

O otimismo é uma doutrina falsa e corrupta. O otimismo é uma forma de louvores que a vontade de viver, única e primeira causa, concede a si mesma quando se revê na sua obra. É falso porque nos apresenta a vida como uma coisa desejável, e corruptor porque dá-lhe como fim a felicidade do homem.

É por isso que cada um crê ter direito à felicidade, e quando, como sucede frequentemente, não recebe a parte da felicidade que lhe corresponde, culpa o céu e a terra de uma injustiça. Por quê? Porque acredita que a vida não cumpriu nele sua finalidade.

Se como nos ensinam o verdadeiro cristianismo, o budismo e o bramanismo, considerássemos que estes males nos conduzem à negação da própria vontade de viver, compreenderíamos que o único fim da vida é o trabalho, as privações, a dor e a morte.

No Novo Testamento diz-se que o mundo é um vale de lágrimas, e que recebemos a vida como um meio de purificar a alma. Uma cruz, ou um instrumento de tortura, é o símbolo do cristianismo.

A Ação Benfeitora da Piedade

Não há um só momento, uma só circunstância da vida, em que a piedade não se faça sentir beneficentemente. Em todos os tempos e nações, na paz como na guerra, nos pequenos e grandes acontecimentos, em plena anarquia, em dias de revolução, sempre e em toda a parte tem impedido uma injustiça ou inspirado um ato louvável, fazendo sobressair aos nossos olhos o brilho maravilhoso de sua pureza moral.

Súplica Hindu

Nem todos têm a mesma opinião, nem o mesmo gosto, e não conheço súplica mais bela, oração mais sublime que a palavra com que os hindus terminavam suas antigas peças teatrais, e cujo sentido era este: “Oxalá possam viver livres da dor todos os seres vivos!”

O Alcorão

Em todos os tempos, o homem tem sentido a necessidade metafísica da fé; sinagogas, mesquitas, igrejas, pagodes e templos, assim o testemunham. Nos primeiros momentos, esta imperiosa necessidade se manifesta com fábulas vulgares, histórias grosseiras, e contos para fazer dormir e é quanto lhe basta. Se houver cuidado em imprimir prematuramente essas lendas fantásticas no espírito do homem, elas se transformam numa explicação da vida, do mundo, e nos fundamentos de sua moral.

Considere-se por exemplo o Alcorão; e, veja-se, este livro tão vulgar pôde ser a base duma religião que conta com milhões de adeptos, aos quais ensina, há mais de mil anos, o desprezo da vida e inspira-lhes entusiasmo pelas guerras sangrentas para defender sua fé, ou para espalhá-la, conquistando outros povos.

O Alcorão nos oferece uma triste e ridícula figura de Deus. Nas suas páginas, não pude encontrar uma só ideia, um só pensamento de algum valor; talvez tenha perdido muito com as sucessivas traduções.

A Verdade e a Fé

A verdade não pode acalmar nem dominar os espíritos propensos à injustiça, à crueldade, porque não lhes é dado compreendê-la; é preciso lançar mão duma fé positiva, isto é, de um erro, de uma lenda, de uma parábola.

Fatalidade do Destino Humano

O homem está fatalmente condenado à dor e às privações. Embora com o auxílio do Estado e da História se pudesse evitar toda injustiça e miséria, e o mundo se tornasse numa espécie de país de Cocanha, nada se alcançaria com que remediar o triste destino da humanidade, e sucederia que o excesso da população provocaria a fome, acabando esta com a vida dos homens, ou bem estes entre si se despedaçariam para se livrarem do aborrecimento.

A Esmola do Céu

Os católicos mendigam o céu, que seria muito incômodo merecer; os padres são os intermediários dessa mendicância.

A Cólera e o Ódio

Pode ser perigoso ou ridículo deixar transparecer a cólera no rosto ou nas palavras. A raiva e o ódio devem somente se manifestar nas ações: unicamente os animais de sangue frio são venenosos.

As Religiões, Mal Necessário

O médico conhece todas as misérias físicas do homem; o jurista toda a sua maldade; e o teólogo, toda a sua imbecilidade.

O Que Vale a Nossa Confiança

Geralmente, a nossa confiança nos homens tem a sua origem na preguiça, no egoísmo ou na vaidade. Quando, para não ter o aborrecimento de refletir ou de trabalhar, pedimos a outra pessoa que o faça, confiamos nesse alguém por preguiça. Confiamos por vaidade, quando temos que dizer qualquer coisa que nos envaidece. E por egoísmo quando, impelidos pela necessidade de falar nos nossos negócios, nos sentimos obrigados a fazer confidências.

O interessante é pretender que esta confiança seja considerada por todos como uma honra excepcional.

A Cauda do Cachorro

O movimento, cheio de impressão e honradez, da cauda do cachorro, único amigo do homem, toma-o superior a todos os outros animais; é um privilégio de sua raça. Se formos comparar os gestos de delicadeza que os homens trocam entre si, a maneira de saudar que a natureza deu ao cachorro, leva este toda a vantagem.

Todos São Napoleões

Bonaparte não foi pior que muitos homens, para não dizer a maioria deles. Seguindo as inspirações do egoísmo vulgar a todos, procurava seu bem à custa dos outros. Geralmente, o que o diferencia dos mortais, somente a sua maior energia, inteligência e audácia. Valendo-se dessas qualidades, lutou para faltar o seu egoísmo, como milhares de homens gostariam de o fazer, sem lhes ser possível. Qualquer garoto que, pela força ou astúcia, consiga uma pequena vantagem sobre seu companheiro, por insignificante que seja o dano que cause, é tão mau como Napoleão Bonaparte.

Ocultemos o Carinho e a Admiração

E conveniente algumas vezes dar a perceber aos nossos amigos, homens e

mulheres, que podemos muito bem passar sem eles; este fato fortifica a amizade.

Não é mau mostrar às vezes certo desdém, com o que aumenta o valor de nossa amizade. Diz um provérbio italiano que quem não estima é estimado; *Chi non istima, vien stimato*.

Ocultemos o valor encontrado em alguém como se se tratasse de um crime.

Isto é muito divertido, mas é assim mesmo.

A Eterna Comédia

Nas comédias de Gozzi as coisas acontecem como no mundo; com as mesmas intenções e igual destino aparecem sempre as mesmas pessoas, sem que estas, sendo sempre atores, saibam o que ocorreu nas obras anteriores. O assunto e os fatos diferem em cada intriga, porém o mesmo espírito impera sobre as comédias.

Preocupações Imaginárias

Não contente com as tristezas, preocupações e tormentos do mundo, o homem os aumenta criando outro mundo imaginário de superstições, e, nas raras vezes que a realidade lhe dá uns momentos de sossego, logo o perde pelos mil fantasmas que sua imaginação inventa. Vê-se como nos povos, cuja existência é mais fácil pela clemência do clima e fertilidade da terra, tais a Índia, Grécia, Roma, e mais tarde a Espanha e Itália, vai-se alterando com preocupações imaginativas a doçura material da vida.

O Confessor

O preceito da confissão foi um achado: não há quem não possa ser um bom juiz da questão moral, ainda que seja um santo, com tal que o juízo se refira às ações de outro, e não às nossas próprias, e que esse outro se encarregue de realizar os nossos conselhos. Portanto qualquer confissão representa o papel de Deus.

A Religião Cristã e as Outras

Os gregos mal tinham religião: esta quase se limitava ao respeito pelo juramento prestado. Entretanto, apesar de não existir moral e dogmas oficiais, a maioria dos gregos, moralmente falando, não era melhor nem pior que os cristãos.

A moral cristã é infinitamente superior às demais religiões conhecidas na Europa em todas as épocas; porém, ninguém poderia defender com razão a tese de que por ela tenha melhorado proporcionalmente a nossa moralidade, nem tampouco que seja mais pura que a dos outros povos, porque os hindus, budistas e maometanos são tão fiéis, tolerantes, benévolos, honrados e generosos como nós.

Demais, o cristianismo tem contra si, como doutrina de paz e suavidade, uma longa lista de crueldades; as Cruzadas injustificáveis; a exterminação de grande parte dos habitantes primitivos da América; a colonização desta com escravos negros, condenados por toda vida aos mais rudes trabalhos, à perda da liberdade e de todo o direito humano, pobres seres arrebatados de sua pátria e da família; a sangrenta e encarniçada perseguição dos hereges; a Inquisição, cujos horrores mancham a História; os 18 mil holandeses executados pelo duque de Alba, e outros tantos atos de crueldade, que fazem duvidar da superioridade do cristianismo sobre as demais religiões.

O Animal Carnívoro

O Estado é uma espécie de açaimo cujo objetivo é tomar inofensivo esse animal carnívoro, que se chama o homem, e dar-lhe o aspecto dum herbívoro.

Independência do Gênio

O povo necessita das religiões: quando estas querem se opor ao progresso da humanidade, convém deixá-las de lado, mas com todas as atenções possíveis. Mas exigir que um Shakespeare ou um Goethe, um grande espírito, um gênio, aceite *implicitamente, bona fide*, os dogmas de uma religião qualquer, o mesmo é que exigir que um gigante calce os sapatos de um anão.

Fé e Polícia

Havemos de concordar que a ação moralizadora da religião sobre seus fiéis é realmente muito fraca e ineficaz. Se durante algumas horas se suprimissem todas as leis, que impedem os crimes, veríamos o que aconteceria estando o homem sujeito unicamente aos laços da moral religiosa. Esta referência se estende a todas as religiões e não a uma determinada.

Temos que atribuir a culpa dessa fraqueza e ineficácia à pouco firmeza na fé, que, em teoria, enquanto quem a pratica não sai do ambiente íntimo formado pela piedosa meditação, cuja influência sente fortemente, mas cuja fragilidade se adverte provada pela “pedra de toque” das paixões, é preciso demonstrá-la com penosos e contínuos sacrifícios e renúncias.

A moral do indivíduo cambaleia e se fende só em meditar na prática de um delito. Entretanto segue adiante até que nova consideração o detenha: o temor da polícia e da justiça. Se consegue suprimir esse obstáculo, pensando iludir sua ação, outro se apresenta em seu pensamento: a questão de honra. Se transpõe este ponto e o da justiça, pode-se apostar na certeza de ganhar, porque nenhuma dogma religioso o impedirá de praticar o crime meditado.

É natural que seja assim; pois que o temor a um perigo distante, cuja reles

existência não é fortaleza pela fé, refreia menos que a consideração de um perigo próximo.

O Homem em Liberdade

No íntimo o homem é um animal feroz. Como geralmente o vemos domado pela civilização, causa-nos horror quando seus instintos naturais explodem com violência, e isto sucede quando o Estado não exerce sobre ele a sua ação repressiva. Livre das cadeias de ordem legal, ver-se-ia então o que é o homem.

Os Bons Que Não Podem Ser Maus

Ninguém reconhece que procede mal. Demais, eram tão maus Robespierre, Napoleão, e o imperador de Marrocos?

Muita gente faria o mesmo se pudesse.

Solução do Problema Político-Social

Vou expor uma ideia que é a minha utopia e a minha réplica de Platão: o despotismo, a hegemonia, a ditadura dos sábios e dos nobres, uma aristocracia verdadeira, produto da união de homens generosos com mulheres finas e inteligentes, como única solução do problema político, do problema político e social.

Do Despotismo à Anarquia

O despotismo e a anarquia são as duas extremidades da organização da sociedade humana, que oscila, como um pêndulo entre dois males opostos. Quanto mais se afasta de um, mais se aproxima do outro. É um erro acreditar, como parece razoável, que o meio termo fora a melhor política.

Entre esses dois males, dá-se preferência ao despotismo por sua ação ser menos temível, pois só existe no estado de possibilidade e porque só atinge um homem entre milhões deles; ao passo que na anarquia sempre há possibilidade, e os seus golpes atingem, cotidianamente, milhões de homens.

Por isso, uma boa política terá que apoiar-se mais no despotismo que na anarquia, deve até conter uma certa dose de despotismo.

Sejamos Corteses

Ser delicado é prudente, ser indelicado é estupidez. Criar inimigos inutilmente é uma loucura, é como quem põe fogo à própria casa.

Como a delicadeza é uma moeda falsa, economizá-la seria falta de espírito;

prodigalizá-la, pelo contrário, é dar provas de bom-senso.

A Triste Ciência da Vida

A metade da sabedoria humana consiste em “não amar, nem odiar”; a outra metade em “nada dizer, e nada crer”.

Mas, que imenso desprezo nos causa um mundo que nos exige semelhante sabedoria!

O Triunfo, Instrumento de Humilhação

Há um momento na vida do homem em que este lamenta amargamente a morte de seus inimigos, embora haja decorrido muitos anos; lamenta-a tanto como a do amigo mais querido. É o momento em que triunfamos e vemos que não podem ser testemunhas do nosso sucesso.

A Tolerância é Desprezada

A tolerância que muitas vezes notamos e elogiamos nos homens de gênio é sempre fruto do seu profundo desprezo pelo resto dos homens, aos quais nada lhe exige, porque não os consideram como seus semelhantes.

Os grandes homens são tolerantes com os outros como nós o somos com os animais, dos quais temos que estranhar sua ferocidade ou sua bestialidade.

A Maldição do Homem de Gênio

Na mesma proporção que o homem de gênio parece grande ao comum dos mortais, estes lhe parecem mesquinhos, tendo que fazer um constante esforço para calar esta opinião, como eles também para dissimular o grande conceito em que o têm. Vive como um condenado numa ilha, onde não encontra ninguém que lhe assemelhe, e sem outros habitantes a não ser papagaios e macacos. É ainda vítima da ilusão, pois, olhando de longe, os macacos parecem-lhe homens.

Esta é a maldição do gênio.

Os Franceses

Se nas demais partes do mundo há macacos, na Europa há franceses.

Os Norte-Americanos

A vulgaridade em todos os seus aspectos é o que caracteriza os norte-americanos, moral, estética, social e intelectualmente, tanto individual como

socialmente falando. Em tudo o que fizer o “yankee” é sempre vítima da vulgaridade. *Noviscum peregrinatur*, pode-se dizer dela, como Cícero dizia da ciência.

Isto o diferencia do inglês, que se esforça para alcançar o maior grau possível de nobreza; razão pela qual o norte- americano lhe causa imensa aversão.

O “yankee” é o plebeu da terra, e isso tanto pode ser produto da forma republicana do governo, como da origem de sua povoação: uma colônia de degradados, seus antepassados, que tinham suas razões para abandonar Europa, talvez, pelo clima.

Os Italianos

Fanfarrão e insolente, vilão e servil, é o povo italiano, caracterizado por um impudor, resultado de sua crença de que não são superiores nem inferiores a nada. Os povos que são pudicos, possuem, pelo contrário, demasiada timidez para certas coisas, e demasiada audácia para outras. Os italianos, conforme os casos, são covardes ou insolentes.

Os Alemães

Os alemães foram culpados de limitar os ingleses e às vezes os franceses, nada melhor poderia ser dito. Se eles dependessem unicamente dos próprios recursos não fariam nada de aproveitável.

A frouxidão que caracteriza o alemão se reflete em todos os seus atos e manifestações, nos seus discursos, na sua língua, na maneira de andar, de ser, de trabalhar, pensar e compreender e, sobretudo, em seu estilo literário de grandes e complicados períodos, no qual se dá o sentido da oração, a memória vê-se obrigada a fazer um esforço de cinco minutos para reter as palavras como uma lição, com o fim de que a inteligência resolva o enigma.

O alemão se distingue no gênero, e pode-se dar à sua literatura um colorido exagerado, enfático e gravemente afetado; Deus porém, deve dar paciência ao leitor. Todo o seu esforço se estriba em fazer uso das palavras mais vagas e impróprias, de maneira que suas frases parecem envolvidas em densa neblina.

Poder-se-ia dizer que se esforçam em deixar aberta uma porta de evasão nos seus discursos, sem que por isso deixem de ter a pretensão de aparentar que dizem mais do que pensam. Esta maneira de se expressar não agrada aos estrangeiros, porque os obriga a tatear às cegas através de um discurso imbecil e enfadonho como um gorro de dormir.

Para nós, os alemães constituem, pelo contrário, uma satisfação, e forma parte do gosto nacional.

Nenhuma prosa se lê com tanta facilidade e satisfação como a dos autores

franceses que desenvolvem suas ideias ordenada e naturalmente, e de forma tal que o leitor pode seguir sem esforço seu pensamento e estudar isoladamente cada uma de suas partes.

O prosador alemão expõe suas ideias tumultuosamente de seis em seis, e não uma por uma.

Desprezo a Alemanha por sua imensa imbecilidade, e me envergonho de pertencer a ela.

Não queria morrer sem ter feito esta confissão.

Responde ao caráter da nação a negligência que o alemão demonstra em seu estilo literário.

O desleixo de sua indumentária dá a entender que pouco aprecia as pessoas com quem trata, e a feita de cuidado no modo de escrever indica uma feita absoluta de respeito para com o público, que, não os lendo, realiza uma grande e justa vingança.

O mais curioso é ver como esses escritores julgam o trabalho dos outros com seu desgraçoso estilo. Parecem magistrados do tribunal, sentados entre seus companheiros, de cuecas e chinelos.

Simpatia pelos Animais e Aversão pelos Homens

A vista de qualquer animal regozija-me o coração, principalmente os cães, e todos os animais em liberdade, pássaros, insetos, etc.

Pelo contrário, devo confessá-lo sinceramente, sinto uma profunda antipatia pelos homens, porque descubro em seu rosto as mais variadas e horríveis fealdades: a física, a moral, expressando as baixas paixões, ambições desprezíveis, a loucura, a perversidade, e a corrupção...

Por isto dou-lhes as costas e busco abrigo na natureza, contente por achar aí os animais.

Fealdade Moral e Física do Homem

Quem tem uma ideia da beleza intelectual ou física, cada vez que vê essa criatura, a quem chamamos homem, pensa, em noventa e nove por cento dos casos, estar à frente de um novo exemplar; um ser feio, vulgar, perverso, estúpido e mau.

Cada vez que me encontro com caras novas lembro-me do Santo Antônio, de Téniers, vítima das tentações, em cujo quadro admiro a novidade das combinações criadas pelo pintor ao descobrir nele uma nova monstruosidade.

Aristocracia da Natureza

A natureza é a maior aristocracia por excelência; as diferenças que estabelecem o sangue e o dinheiro na Europa, e as castas na Índia, nada são comparadas com as que, sob o ponto de vista moral e intelectual, a natureza marcou. E na aristocracia da natureza a proporção é igual à humana; há dez mil plebeus para um nobre e milhões para um príncipe; o resto é populacho, o vulgo, a canalha.

Portanto, os nobres e os patrícios da natureza não deviam misturar-se com a plebe e viver afastados quanto mais altos são; e a aristocracia humana deveria fazer o mesmo.

A Amizade

Quem melhor souber afagar os homens, embora imbecil e desprezível, é o que terá mais amigos.

Vaidade e Orgulho

O vaidoso pretende que os outros reconheçam nele, e lhe digam, uma superioridade, com a esperança de chegar, por último, a convencer-se a si próprio; o orgulho está firmemente convencido de seu próprio valor; sua superioridade nasce de uma íntima convicção, interior e direta, enquanto que a vaidade procura apoio na opinião alheia.

A vaidade é faladora, o orgulho silencioso. Pelo silêncio mais que pelas palavras, mesmo dizendo as coisas mais lindas, se obtém a estima de certas pessoas, e estas formam uma opinião mais elevada de quem cala do que de quem fala.

Ser orgulhoso não está ao alcance de todos; o que podem fazer em muitos casos é simular o orgulho, mas, como o que é falso, não logrará ser sustentado até ao fim. Esta convicção pode ser errônea, ou fundada apenas em vantagens puramente convencionais; o essencial é estar convencido de que há motivo para sentir-se orgulhoso, e que esta convicção repouse em nosso profundo ser.

A vaidade é o maior obstáculo ou o maior inimigo do orgulhoso, porque o vaidoso procura o elogio alheio para formar um bom conceito de si mesmo, bom conceito este que o orgulhoso abriga independente de toda opinião estranha.

Muitos homens censuram o orgulho, porque em si nada acham de que orgulhar-se.

Ouve Teus Inimigos

A crítica que provém do inimigo é mais benéfica da que vem do amigo; aqueles falam com sinceridade.

O Conselho do Inimigo

Assim como tomamos um remédio amargo porque sabemos que nos curará, do mesmo modo devemos aprender a nos conhecer melhor pela crítica que nos fazem os nossos inimigos.

Um Botão Para Amostra

Um botânico identifica por uma folha, uma planta; Cuvier reconstituía o esqueleto de um animal com um só osso. Do mesmo modo pode-se conhecer com exatidão o caráter de um homem estudando um só de seus atos por insignificante que seja; seria melhor numa pequena minúcia do que num caso de importância, porque neste o homem acautela-se muito, ao passo que nos assuntos de pouco valor segue quase sempre os impulsos de sua natureza.

Se alguém, por um nada, mostra egoísmo e absoluta falta de respeito por outra pessoa, delatando sua falta de equidade, ninguém deve confiar-lhe valor algum sem as necessárias garantias.

Também se deve desconfiar de quem mostra um caráter falso, hipócrita nas coisas triviais: é preferível romper as relações com essa gente, antes de expor-se às más partidas que possam pregar nos casos graves.

O mesmo poderíamos dizer dos criados; é preferível viver só que cercado de traidores.

Mobil da Amizade

Um dos traços que melhor provam a ignorância dos homens, é ao julgar o valor das pessoas pelo número de seus amigos, sem ter em conta que não se concede amizade a quem mais adula ou mais favores prodigaliza, porque o homem, como o cão, tem mais afeição àquele que o afaga ou simplesmente lhe dá um osso.

Mascarada

O mundo é uma grande mascarada na qual encontramos cavaleiros, soldados, frades, médicos, advogados, sacerdotes, filósofos e que mais se encontra ainda? Não se deve, porém, esquecer que eles não são o que representam, são apenas máscaras e sob as quais se ocultam geralmente especuladores de dinheiro. O que está representando a justiça, pede o auxílio do advogado para melhor enganar o seu semelhante; outro, que tem o mesmo objetivo, vai disfarçado de patriota: um terceiro, de sacerdote; outros, sob a máscara da filosofia e do altruísmo ou filantropia.

As mulheres têm menos disfarces para escolher; a virtude, o pudor, a simplicidade e a humildade são os que normalmente adotam.

Há outras máscaras que não se distinguem das demais, sem caráter especial,

como os dominós nos bailes de máscaras: a simpatia, amizade, honradez, cortesia são disfarces que se encontram em toda parte.

Geralmente sob essas máscaras se ocultam industriais ou comerciantes.

O Pretenso Progresso da Humanidade

Atribuindo a responsabilidade dos sofrimentos e aborrecimentos ligados à existência, aos governos, às suas instituições públicas ou às leis, o homem culpou-se sempre, esquecendo que a origem de todos os seus males procede, segundo o mito bíblico, da maldição que Deus lançou sobre Adão e seus descendentes.

Os demagogos contemporâneos foram os que mais exploraram essas injustiças com uma deslealdade única, proclamando-se otimistas pelo ódio que votavam ao cristianismo. A vida para eles não tem fim alguma fora de si mesma, e o mundo parece-lhes um lugar de delícias, perfeitamente organizado. Portanto, se há no mundo dores e misérias a culpa é dos governos, e se estes cumprissem o seu dever, os homens poderiam comer e beber à farta, propagar-se e morrer. É a isto que chamam com frases retumbantes e enfáticas o progresso da humanidade.

Sem a morte e sem dores e misérias da vida, não teriam progredido tanto a filosofia e as interpretações metafísicas do mundo. Se a nossa existência fosse eterna e feliz, talvez ninguém tivesse a ideia de perguntar por que existe o mundo e se encontra assim constituído; tudo, o mundo e a vida, se compreenderia por si mesmos;

Assim se explica o interesse que nos inspiram as religiões e os sistemas filosóficos, principalmente no que se refere ao dogma da imortalidade. O primeiro esforço de toda religião está em afirmar a existência dos seus deuses, e assim fazem porque a consideram inseparável do dogma da supervivência. Se fosse possível convencer de outro modo o homem de que viverá eternamente, as religiões não teriam tanto empenho em afirmar a existência dos seus deuses, e o mesmo sucederia se demonstrassem com evidência a impossibilidade duma vida futura.

Deus em Nosso Tempo

Deus, na nova filosofia, representa o papel dos últimos reis francos com os seus mordomos-mores; é um nome que se conserva para subir com maior proveito na sociedade.

A Consoladora Mentira

Na sua imagem representa o homem, deuses, santos e demônios, e dedica-lhes a todo o momento sacrifícios, orações, promessas, reverências, peregrinações, quadros, adornos, etc.

Qualquer acontecimento atribui-se a um ato voluntário, a uma manifestação de

seu poder. A ilusão fá-lo acreditar que se trata de seres reais e a sua mística relação com eles toma grande parte de seu tempo.

Em vez de por si mesmo combater os males que o torturam, o homem prefere perder o tempo com vãos sacrifícios e orações, empregando inutilmente horas preciosas e energia, o que mostra a necessidade de consolo.

E enquanto a fatalidade aumenta seus rudes ataques, o homem teima em se aprofundar no seu mundo fantástico; este é o benefício que a sua superstição produz: dar-lhes distração, consolação e esperança; o que não deve ser desprezado.